

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA  
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA**

**LUIZ FELIPE SFOGGIA DA MATA**

**ENSINO DE MATEMÁTICAS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Porto Alegre

2023

**LUIZ FELIPE SFOGGIA DA MATA**

**ENSINO DE MATEMÁTICAS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Matemática.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Dalcin**

Porto Alegre

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA  
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA**

**LUIZ FELIPE SFOGGIA DA MATA**

**ENSINO DE MATEMÁTICAS COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA**

**Banca Examinadora:**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Dalcin  
Instituto de Matemática e Estatística – UFRGS**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Débora da Silva Soares  
Instituto de Matemática e Estatística – UFRGS**

---

**Prof. Dr. Maurício Rosa  
Departamento de Ensino e Currículo – UFRGS**

## **Agradecimentos**

À minha família que me acompanhou em cada etapa da vida, sempre me apoiando ou desafiando, me preparando para os desafios que eu viria a encontrar na fase adulta. Em especial, agradeço à minha mãe, Cinthia Sfoggia, ao meu pai, Felipe da Mata, e ao meu irmão, João Guilherme, pelo apoio que me deram e vem me dando até aqui. Ao meu primo, Mateus Silva, e às minhas tias, tios, primos e primas, que sempre guardam um espacinho para mim em Bombinhas. Dedico em memória ao meu avô e minha avó, Marcello e Luizilla, que me ensinaram a importância de uma vida não tão séria e ao mesmo tempo muito séria nos estudos.

À professora Andréia Dalcin, muito dedicada e prestativa na minha orientação, sempre tentando compreender melhor os contextos das pessoas em vulnerabilidade social e situação de rua, buscando conhecer os movimentos que as acompanham. Sempre me trazendo de volta nos momentos em que me perdia nesta temática tão emotiva e tão desesperadora. Sempre me indicando referências de livros e artigos que dessem suporte a minha pesquisa, apesar de serem tão escassos.

Ao professor Maurício Rosa e à professora Débora Soares por fazerem parte da banca examinadora e por trazerem suas experiências ao analisar a pesquisa, contribuindo para um maior aprofundamento dela.

Às dedicadas professoras e servidoras da Faculdade de Educação e do Instituto de Matemática e Estatística da UFRGS, pelo acolhimento e aprendizado que me concederam nestes anos de licenciatura, em especial à servidora Giovana Lenzi por ter me apoiado nos momentos mais difíceis do curso.

Às amigas que fiz durante a faculdade, em especial ao Matheus Faria, que me acompanhou (e que eu tive a sorte de acompanhar) em todos os semestres da faculdade, para quem sempre pude contar boas notícias, conversar sobre desafios da vida, questões familiares, temáticas da matemática e da educação, “notícias” da internet, e “outros assuntos”.

À toda a equipe pedagógica da Escola Porto Alegre, por fazer um trabalho de suma importância para a população em situação de rua e, conseqüentemente, para a sociedade em que está inserida. Pelo carinho e atenção especial que deram e dão até hoje às pessoas que estudam na escola, algo que levam para a vida toda. Por ser muito receptiva e colaborativa no percurso das observações e entrevistas realizadas no interior dela.

Às educadoras sociais do WimBelemDon, em especial à Luciane e Mariana, que muito me acolheram num momento da vida em que estava sem saber o que iria fazer no futuro. O WimBelemDon foi a minha porta de entrada para o mundo da Educação, primeira experiência que tive nesta área de atuação, primeira vez que convivi com pessoas em vulnerabilidade social (imprescindível para que depois entrasse na Amada Massa), colaborou para que eu entendesse a importância da psicologia na vida das pessoas, fundamental para a decisão de entrar no curso de licenciatura, entre outras contribuições que não caberiam neste agradecimento.

Aos sócios e sócias da Amada Massa, que me oportunizaram momentos inesquecíveis, que me concederam um propósito e um senso de responsabilidade que ainda não tinha encontrado, que me mostraram como o sistema em que vivemos é falho e deve ser melhorado, ou muitas vezes deve ser abandonado e trocado por outro. Às apoiadoras e apoiadores da Amada Massa, que foram fundamentais em todo este processo de criação de vínculos, de movimentos voltados para redução de danos (aqui na concepção de que nada tem a ver com uso de substâncias de qualquer tipo), que me deram suporte para que eu não caísse no desespero que acompanha estes momentos.

Aos jornalistas e às jornalistas do Boca de Rua, por trazerem análises profundas sobre cada situação que acontece na sociedade, trazerem sua visão de mundo, mostrarem a importância de sermos ouvidas (como apoiadoras somos tão ouvidas que acabamos esquecendo da importância), como existem contextos cada vez mais diversos de pessoa para pessoa.

Aos colegas dos laboratórios 21 e 28 do PPG de bioquímica da UFRGS, pessoas muito especiais com quem tive a sorte de trabalhar, como a prof Regina, a prof Ediane, a prof Luciana e o prof Leo, e também os pós-docs Vini, Patty, Cleves e Lucas.

Aos integrantes do Grupo Autônomo de Filosofia, um grupo muito unido que me trouxe várias reflexões importantes e me acolheu em momentos que eu estava em dúvida sobre qual rumo seguir.

Às professoras e professores da EEEF Mané Garrincha, melhor escola em que já trabalhei, pelo apoio e bons momentos que passamos até aqui e ainda vamos passar nas turmas que virão.

## Resumo

O presente trabalho parte da constatação de que a quantidade de pessoas em situação de rua vem aumentando no país, índice que está potencialmente relacionado ao nível de acesso à educação. No entanto, todos têm direito à educação, e esse é um dos princípios da Constituição Brasileira. Diante desse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Matemática buscou investigar, em uma perspectiva qualitativa, *como está sendo abordado o ensino de matemática com os estudantes em situação de rua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA)*. O objetivo geral da pesquisa foi buscar compreender o funcionamento da EPA e como é organizado o ensino de matemática para pessoas em situação de rua. Para isso foram feitas várias visitas à escola com o intuito de localizar documentos e realizar entrevistas. Foram entrevistados 3 estudantes em situação de rua, 1 educador e 4 educadoras, sendo 2 delas da área da matemática, ao longo do segundo semestre de 2023. Os resultados da pesquisa sinalizam para um comprometimento da escola com a proposta pedagógica que, dentre outras coisas, visa o acolhimento das pessoas em situação de rua e funciona na modalidade EJA. Os estudantes criaram vínculos de afetividade com os professores, professoras e equipe pedagógica. O cruzamento das falas dos participantes da pesquisa com os documentos oficiais e os materiais disponibilizados, sinaliza para a necessidade de uma maior articulação entre o Projeto Político Pedagógico da escola e as práticas nas aulas de matemática. Evidencia-se um comprometimento por parte das professoras de matemática, mas também a necessidade de investimento em formação para os professores que atuam nessa modalidade e com esse público.

Palavras-chave: Educação Matemática e Inclusão Social. Pessoas em Situação de Rua. Ensino de matemática. EJA e Educação Matemática.

## PRÓLOGO

Comentários em relação ao presente trabalho, feitos por pessoas em situação de rua vinculadas ao Jornal Boca de Rua:

[p10] A triste realidade da falta de acesso às escolas é muito difícil para quem está nessa situação, por não ter como se manter em várias condições. Tipo não ter acesso à higienização adequada e se manter em condições de não se sentir um cidadão!

[p10] Política Nacional é só no papel. A situação da saúde das pessoas em situação de rua é complicada de falar e escrever, pois tem vários fatores: antes era mais difícil conseguir entrar em um hospital ou posto de saúde dizendo ser morador de rua. Se não tinha endereço, não tinha atendimento. Mas hoje a PSR tem espaço pelo SUS e outros órgãos de Porto Alegre.

[p10] A Escola Porto Alegre foi um pouco importante, falando como um dos primeiros alunos dela. Tínhamos muitos carinhos, e aquelas senhoras professoras nos davam uma atenção especial. Se notava quando algumas iam embora da escola e nos desejavam tudo de bom e até amanhã! Tínhamos boas professoras que nos davam Educação e ensinamos para levar pra vida toda.

[p17] “O que é mais importante, moradia ou saúde mental”? Bah, que loucura, as duas coisas são importantes para quem está em vulnerabilidade social ou em situação de rua, sem comentário! A sociedade em geral, ou o governo, deveria dar uma ajuda, dando mais atenção e olhares para a PSR.

[p19] O Jornal Boca de Rua é um belo trabalho com pessoas em situação de rua e como está escrito no TCC, é feito pela própria PSR. Tudo, em geral fotos e matérias. E as vendas vão para o próprio bolso.

[p19] A arquitetura hostil dos grandes centros impede a PSR de dormir colocando ferros entre os bancos das praças. O município de Porto Alegre não apoia a PSR com alimentação e não deixa as pessoas ajudarem, uma política absurda.

[p24] A EPA foi uma grande escola na minha caminhada. No meu tempo éramos como irmãos, uns cuidavam dos outros nas ruas, tínhamos que ser. Ninguém saía sozinho, íamos e voltávamos da Escola juntos.

[p51] “Como uma população pode existir fora do público e também fora do privado”? Simples, não tendo assistência pública e mental.

[p17] “O que é mais importante, moradia ou saúde mental?” Saúde mental, é verdade.

[p17] Os medicamentos para a PSR hoje são grátis.

[p18] O pessoal em situação de rua também se sente abandonado pela sociedade, por não ter uma oportunidade de mudar de vida. Fora a discriminação que sofrem da sociedade e do governo. O governo devia dar uma oportunidade para essas pessoas em situação de vulnerabilidade social, não apenas internação compulsória e muitas vezes forçada.

[p19] O pessoal do Jornal Boca de Rua tem uma capacidade para produzir seu jornal sozinhos, debatendo pautas e visibilizando as dificuldades.

[p20] Um dos grandes problemas da PSR não é só a fome, é a falta de oportunidades e a discriminação.

[p21] A Cozinha Solidária é uma rede de apoio por ter uma visão da realidade da PSR. A população frequenta este espaço em busca de alimentação e de esperança: para muitos é a única refeição reforçada.

[p23] Há anos a Escola Porto Alegre oferece essa escolaridade sem discriminar ninguém.

[p10] Antes de 2020, em 2016 houve uma pesquisa do censo da quantidade de pessoas em situação de rua.

[p20] Traz um pouco mais dessa citação de Paulo Freire. Na área da educação o preconceito continua, demais.

[p24] Antes da EPA existiam a Escola Mapa e a Escola João Paulo II, para pessoas em situação de rua.

## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b>10</b>
<b><u>1. PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR)</u></b>	<b>14</b>
<b><u>1.1 As Pessoas em Situação de Rua na Legislação</u></b>	<b>14</b>
<b><u>1.2 Realidades das Pessoas em Situação de Rua</u></b>	<b>17</b>
<b><u>1.2.1 A PSR e o Acolhimento</u></b>	<b>18</b>
<b><u>1.2.2 A PSR, a Fome e a Moradia</u></b>	<b>20</b>
<b><u>1.2.3 A PSR e a Educação</u></b>	<b>22</b>
<b><u>2. A ESCOLA EPA</u></b>	<b>23</b>
<b><u>3. O PERCURSO E OS RESULTADOS DA PESQUISA</u></b>	<b>30</b>
<b><u>3.1 O que dizem os estudantes sobre o ensino de Matemática na EPA</u></b>	<b>31</b>
<b><u>3.2 O que dizem os professores sobre o ensino na EPA</u></b>	<b>36</b>
<b><u>4. Considerações finais</u></b>	<b>51</b>
<b><u>5. Referências Bibliográficas</u></b>	<b>53</b>
<b><u>6. Anexos</u></b>	<b>56</b>
<b><u>6.1 Termo de uso de Imagem e Som</u></b>	<b>56</b>
<b><u>6.2 Termo de Consentimento Informado</u></b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Segundo os dados da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), em 2020 havia 2.679 pessoas em situação de rua (PSR) em Porto Alegre e, no início de 2021, este número aumentou para 3.850 pessoas, o que indica um aumento de 43,7%. No Brasil houve um aumento de 38% entre 2019 e 2022, totalizando 281.472 pessoas nesta situação, segundo os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Um dos fatores que contribui para essa triste realidade é a falta de acesso à escolarização dessa população.

De acordo com o grupo Passa e Repassa<sup>1</sup>, fruto de parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), os dados da FASC estão discrepantes com a realidade e são bem maiores. Os pesquisadores desse grupo tomaram como fonte as quantidades de cadastros produzidos pela ação Consultórios na Rua nos bairros: Centro, Zona Norte e Restinga, que mostraram 4.320 pessoas em situação de rua cadastradas em 2020, 5.421 cadastradas em 2021 e 8.319 cadastradas até abril de 2022. É bom lembrar que os Consultórios de Rua são uma estratégia instituída pela Política Nacional de Atenção Básica, em 2011, pelo Ministério da Saúde. Chamamos de Consultório na Rua as equipes multiprofissionais que desenvolvem ações integrais de saúde frente às necessidades dessa população (PASSA E REPASSA, 2023). Destas 8.319 pessoas cadastradas até 2022, 5.788 são dadas como ativas (acessaram a Atenção Primária à Saúde, componente do SUS, pelo menos 1 vez entre 2021 e 2022).

Existe na cidade de Porto Alegre uma escola voltada à população em situação de rua: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA). A EPA foi criada em 1994, a partir de um esforço conjunto de 10 professoras que faziam reuniões e em duplas iam até crianças e adolescentes em situação de rua, para conhecer suas realidades e criar vínculos necessários para que fosse possível o desenvolvimento de uma educação formal. Tais vínculos eram fundamentados no Acolhimento, um dos valores centrais da escola, depois estruturado no Plano Político Pedagógico (PPP), no Serviço de Acolhimento Integração e Acompanhamento (SAIA) e no Núcleo de Trabalho Educativo (NTE). O PPP é o documento

---

<sup>1</sup> Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão sobre Políticas Públicas para a População em Situação de Rua. O projeto Passa e Repassa realiza a coleta, sistematização e divulgação de informações sobre políticas, ações e serviços implementados pelo poder público de Porto Alegre produzindo materiais em diversas linguagens e meios (áudios e podcasts, infográficos, sites e outros) repassando-os para diversos coletivos de luta pelos direitos da PSR (Movimento Nacional da População de Rua, Jornal Boca de Rua, Escola Porto Alegre e outros). Site do grupo <https://www.passarepassa.org/>.

principal das escolas, enquanto o SAIA e o NTE são organizações internas da EPA sobre as quais trataremos adiante. A escola EPA inicialmente atendia crianças e adolescentes, mas a partir de 2009 passou para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Sou educadora social, não-binária, professora de matemática, sempre inconformada com as vulnerabilidades produzidas pela nossa sociedade: crianças que crescem sem família, que não tem acesso à alimentação e moradia numa cidade em que sobra comida e casa, pessoas em situação de rua desamparadas pelo poder público (e mais ainda pela iniciativa privada).

Minha trajetória como educadora começa antes mesmo de entrar para a graduação de Licenciatura em Matemática na UFRGS. Em 2013 entrei no Projeto Social WimBelemDon, um projeto que atende crianças e adolescentes em vulnerabilidade social por meio de várias atividades culturais, dentre as quais considero mais importantes a prática de tênis, os atendimentos da equipe de psicologia e os laboratórios de aprendizagem (dos quais fiz parte):

O WimBelemDon é um projeto social criado no ano de 2000 e tem como objetivo promover transformação social em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Atendemos jovens entre seis e dezoito anos, na região do extremo sul de Porto Alegre (RS), que é uma das áreas mais vulneráveis da cidade.

Utilizamos o tênis como principal ferramenta de atração e fidelização dos jovens no projeto. Junto com o tênis e outras práticas esportivas oferecemos uma série de atividades culturais, pedagógicas e socioemocionais, dentro de um espaço de proteção que também disponibiliza duas refeições (almoço e lanche) diariamente.

Os atributos (empatia, perseverança, honestidade, dentre outros) são os valores humanos necessários para uma vida plena e para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Todo esse conjunto de atividades e saberes é oferecido através de um olhar humanizado e de respeito aos limites individuais de cada um, sempre buscando estimular as potencialidades de cada educando. (WIMBELEMDON, 2023)

Em 2018 foi a minha transição do WimBelemDon para a Amada Massa, sem muito planejamento, as circunstâncias da época coincidiram e me levaram a sair de um espaço para entrar em outro. E na Amada Massa convivi com um público não mais de crianças e adolescentes em vulnerabilidade, mas de adultos em situação de rua, o que possibilitou um envolvimento que eu ainda não tinha encontrado.

Em 2022 comecei a frequentar as reuniões do Jornal Boca de Rua, o que contribuiu ainda mais para o meu entendimento sobre a situação de rua, principalmente por terem mais integrantes do que na Amada Massa, o que acaba trazendo mais contextos e vivências. E em 2023 resolvi fazer o presente trabalho sobre a Escola Porto Alegre, escola em que muitos dos integrantes do Jornal estudaram quando criança ou quando adultos.

Depois de algumas visitas à escola, cheguei à conclusão de que esta seria um espaço adequado para meu desejo de compreender a relevância da matemática e seu ensino na vida das pessoas em situação de rua. Por ter um projeto pedagógico voltado ao acolhimento desta população, a EPA propõe-se a suprir a necessidade que as outras escolas não conseguem. Segundo o professor Renato Farias dos Santos, que trabalhou na escola e produziu uma dissertação sobre ela, a escola tem um diferencial em relação às demais escolas tradicionais.

A escola tradicional, baseada em modelos precisos, no conteúdo dos livros, é apontada como incapaz de adaptar-se a diferentes momentos e contextos, gerando reprovação através de 61 avaliações autoritárias e provas conteudistas, além de não atender as necessidades dos novos contextos e momentos do mundo atual.

Baseado na insuficiência deste modelo tradicional foi proposta uma escola em que as necessidades básicas de aprendizagem sirvam como eixos para o desenvolvimento humano e, ao mesmo tempo, atendam às diferenças individuais e sociais, bem como a integração social. Este entendimento torna-se eixo básico vindo a orientar a realização de ações socioeducativas mais amplas no âmbito escolar. (SANTOS, 2018, p. 60-61)

É importante destacar que são poucas as escolas que fazem este tipo de trabalho, e por isso faz-se necessário conhecê-las, não só para que se amplie o conhecimento sobre ensino e aprendizado de matemática, mas também como forma de se aproximar das realidades e necessidades da comunidade onde vivemos. Ter acesso ao conhecimento matemático é fundamental para o exercício da cidadania.

Diante do exposto, a intenção com esta pesquisa é conhecer o funcionamento da escola EPA e como está acontecendo o ensino de matemática neste contexto. Assim, a pergunta que orientou a pesquisa foi “*Como está sendo abordado o ensino de matemática com os estudantes em situação de rua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA)?*”. Como objetivo geral buscou-se compreender o funcionamento da EPA e como é organizado o ensino de matemática para pessoas em situação de rua, e como objetivos específicos: analisar a proposta pedagógica de ensino de matemática da escola; compreender que tipo de matemática é ensinada, na perspectiva dos professores; identificar o que os estudantes entendem por matemática e sua relevância.

Para isso foram feitas várias visitas à escola com o intuito de localizar documentos e realizar entrevistas. Foram entrevistados 3 estudantes, 1 educador e 4 educadoras ao longo do segundo semestre de 2023.

Esse estudo está organizado em 3 capítulos. O primeiro capítulo aborda uma breve discussão sobre a educação e as pessoas em situação de rua, enfatizando as orientações legais,

alguns conceitos como inclusão social e cidadania e pesquisas que tomam como objeto de estudo a educação para/com pessoas em situação de rua.

No capítulo dois apresento a escola EPA, trazendo informações sobre sua trajetória, objetivos e estrutura. No capítulo três apresento o percurso da pesquisa, como foram realizadas as entrevistas e analiso os resultados. Ao final são apresentadas algumas considerações e possíveis desdobramentos da pesquisa.

## 1. PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR)

A fim de melhor fundamentar a presente pesquisa foi realizada uma busca na Constituição Brasileira de 1988 e em documentos legislativos da área de Educação: a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Referencial Curricular Gaúcho (RCG).

Também foram estudadas obras como: *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, que explora a relevância da educação para a construção da autonomia e da cidadania; *Na vida dez, na escola zero*, de autoria de Terezinha Nunes e Analúcia Dias Schliemann, um livro clássico que investiga a matemática vivenciada por crianças, adolescentes e adultos que vendem produtos pelas ruas de Recife, alguns que moram nas ruas, e as relações ou não entre os conhecimentos da rua e da escola; e a dissertação *O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do núcleo de trabalho educativo da EPA*, de Renato Farias dos Santos, que analisa a história e o funcionamento da EPA.

Uma busca no Banco de Dissertações e Teses da CAPES com os termos “pessoas em situação de rua escola” mostrou 20 pesquisas. No entanto, nenhuma delas aborda o ensino ou a aprendizagem da Matemática. A ausência de estudos no campo da Educação Matemática direcionadas para PSR indica uma lacuna a ser preenchida, uma vez que tais pessoas têm o direito à educação escolar e a necessidade de aprender matemática.

Um levantamento realizado pelo Jornal Boca de Rua<sup>2</sup> identificou 115 TCC, teses, dissertações e artigos científicos que estudam a população em situação de rua, mas nenhuma dessas produções tem enfoque no ensino de matemática.

### 1.1 As Pessoas em Situação de Rua na Legislação

A Constituição Brasileira de 1988 enfatiza que a República Federativa do Brasil, formado pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: a soberania; a cidadania; a dignidade da pessoa humana; os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político. O Art. 3º apresenta os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

---

<sup>2</sup> O Jornal Boca de Rua é um jornal escrito e vendido por pessoas em situação de rua, na cidade de Porto Alegre, desde agosto de 2000. Textos, fotos e ilustrações são elaborados durante reuniões semanais. O dinheiro arrecadado na comercialização do veículo é revertido integralmente para os participantes do grupo, constituindo uma fonte alternativa de renda.

I–construir uma sociedade livre, justa e solidária;  
 II–garantir o desenvolvimento nacional;  
 III–erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;  
 IV–promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988)

Já o Art. 6º discorre sobre os Direitos sociais dos cidadãos brasileiros:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988)

E ainda, como Parágrafo único “Todo brasileiro em situação de vulnerabilidade social terá direito a uma renda básica familiar, garantida pelo poder público em programa permanente de transferência de renda, cujas normas e requisitos de acesso serão determinados em lei, observada a legislação fiscal e orçamentária” (BRASIL, 1988). Na Constituição não é abordado especificamente as pessoas em situação de rua, mas elas se enquadram na condição de vulnerabilidade social. Entendo vulnerabilidade social como um conjunto de contextos negativos que vão atravessando a vida da pessoa, até que ela esteja numa situação de risco maior. Segundo Scott, vulnerabilidade social pode ser descrita como:

A consideração de aspectos como baixa escolarização, relações familiares violentas ou conflituosas, ausência ou insuficiência de recursos financeiros e serviços de saúde, além de poucas perspectivas profissionais e de futuro, constituem-se, portanto, enquanto fatores individuais, coletivos e contextuais que configuram o que se chama de vulnerabilidade social (SCOTT 2018 Apud FARIAS & MORÉ, 2011, p. 597).

Apesar da falta de oportunidades, grande parte desta população trabalha, só que em empregos não formais, daí acabam não tendo acesso aos direitos trabalhistas.

Em 2009 foi publicado o Decreto nº 7.053/09, instituindo a Política Nacional para a População em Situação de Rua, que no seu Artigo 5º traz os seguintes princípios:

Art. 5º São princípios da Política Nacional para a População em Situação de Rua, além da igualdade e equidade:

- I - respeito à dignidade da pessoa humana;
- II - direito à convivência familiar e comunitária;
- III - valorização e respeito à vida e à cidadania;

IV - atendimento humanizado e universalizado; e

V - respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência. (BRASIL, 2009)

E ainda institui o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua, mas que foi alterado por outros decretos duas vezes, uma alteração em 2019 e outra em 2023.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, não há referência a pessoas em situação de rua. Palavras associadas a esse contexto como “vulnerabilidade” e “desigualdade” também não foram encontradas. No entanto, no artigo 3º é posto como princípios e fins da educação nacional: “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, “consideração com a diversidade étnico-racial” e “garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida”. Sendo assim, a PSR tem assegurado o direito à educação e às condições de acesso e permanência na escola, principalmente por meio da modalidade EJA, pensando nos adolescentes e adultos. No entanto, apesar de existir todo um aparato legal, ainda há um grande distanciamento entre o previsto na legislação e o que observamos e vivenciamos na prática da vida cotidiana.

A questão racial está muito presente no contexto da população em situação de rua: 69% das pessoas nesta situação se declaram negras, segundo uma pesquisa do Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua, localizada na plataforma do Programa Transdisciplinar Polos de Cidadania da Universidade Federal de Minas Gerais (POLOS-UFMG<sup>3</sup>). A Figura 1 sintetiza os dados disponibilizados na plataforma.

Figura 1 - Distribuição por cor ou raça de PSR

---

<sup>3</sup> Acesso à plataforma da transdisciplinar Programa Transdisciplinar Polos de Cidadania da Universidade Federal de Minas Gerais (POLOS-UFMG): <https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/release/levantamento-do-polos-de-cidadania-da-ufmg-revela-que-69-da-populacao-em-situacao-de-rua-no-brasil-e-negra>

## Brasil

Referência: Dezembro 2023

Sem Filtro

### TABULACAO PARA PESSOA

Cor ou raça	Situação de Rua			TOTAL
	Não	Sim	Sem Resposta	
Branca	29,75%	0,08%	0,00%	29,83%
Preta	7,05%	0,05%	0,00%	7,10%
Amarela	0,59%	0,00%	0,00%	0,59%
Parda	61,49%	0,13%	0,00%	61,62%
Indígena	0,84%	0,00%	0,00%	0,84%
Sem Resposta	0,02%	0,00%	0,00%	0,02%
<b>TOTAL</b>	<b>99,73%</b>	<b>0,27%</b>	<b>0,00%</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: Adaptação da autora às informações que constam no site:  
[https://cecad.cidadania.gov.br/tab\\_cad.php](https://cecad.cidadania.gov.br/tab_cad.php)

O Referencial Curricular Gaúcho (RCG) também não menciona pessoas em situação de rua. A palavra que mais se aproxima deste contexto é “desigualdade”, sendo definida no contexto social e econômico, como um contraste entre educação urbana e educação do campo ou como um problema a ser tratado pela Educação de Jovens e Adultos, sem menção à PSR.

## 1.2 Realidades das Pessoas em Situação de Rua

Certa vez um peregrino me disse: “o Aluguel Social ajuda a tirar a pessoa da rua, mas ela leva a rua junto para casa. Não tem uma preocupação do Estado com a saúde mental”. Perguntei o que era mais importante, moradia ou saúde mental, e ele respondeu: “saúde mental precisa vir antes, para a pessoa não voltar para a rua.”

São várias as dificuldades de pessoas em situação de rua: a fome, a falta de acesso à saúde física e mental (SUS), a necessidade de acompanhamento pela assistência social (SUAS), e a dificuldade de conseguir medicamentos para doenças como tuberculose e Aids. Conforme o site do Ministério da Saúde<sup>4</sup>, pessoas em situação de rua apresentam 54 vezes mais chances de adoecer por tuberculose, pois a vulnerabilidade social, as barreiras de acesso aos direitos e de ações de cuidado integral à saúde contribuem para o aumento do risco de adoecimento. Soma-se a isso a dificuldade de acesso às escolas e à educação. Esse conjunto de questões e dificuldades atravessa o contexto de vida de pessoas em situação de rua.

<sup>4</sup> Acesso em 22 de fevereiro de 2024:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/t/tuberculose/populacoes-mais-vulneraveis>

O processo de exclusão da PSR da sociedade é marcado pela luta diária por sobrevivência. A PSR lida com adversidades, se encontra em situações de risco, que podem ser maiores ou menores de acordo com a quantidade e qualidade de sua rede de apoio:

O estar na rua é visto como um processo, uma transitoriedade que permeia o cotidiano e a busca por (sobre)viver na rua. Por isso, cabe indagar: como são produzidas as estratégias para sobreviver nas ruas? Quais as redes são acionadas? Quais são as narrativas da PSR sobre a produção de sua rede de apoio?

(...)

Além disso, atentar para as condições de vulnerabilização (Ayres, Franca Junior, Calazans, & Saletti Filho, 2003) que a PSR está exposta cotidianamente implica em considerar os riscos do contexto e em priorizar ações e políticas públicas que contemplem a perspectiva dos sujeitos envolvidos, estreitando relações entre saúde e os modos de vida dos sujeitos, atravessadas por fatores desiguais das determinações da saúde. (Oliveira, 2018). (GRAMAJO *et al.*, 2023, p.3-5)

Para que ocorra uma mudança na vida da PSR é preciso um conjunto de ações que, dentre várias coisas, envolvem o modo como a sociedade em geral, as instituições, os governos vêem, pensam e lidam com a PSR. Alguns movimentos de alguns setores e instituições têm investido no processo de acolhimento da PSR.

### 1.2.1 A PSR e o Acolhimento

O acolhimento é um dos valores mais importantes em espaços como o Coletivo Amada Massa e o Jornal Boca de Rua em Porto Alegre. No Coletivo Amada Massa as pessoas em vulnerabilidade social produzem e entregam pães veganos semanalmente (num processo coletivo de construção de autonomia), por meio de assinaturas que permitem um vínculo entre elas e as assinantes, assim como uma geração de renda. As pessoas são acompanhadas por apoiadoras, e são necessários acolhimentos para que esta dinâmica se viabilize, que acontecem geralmente por meio de redução de danos (tentativas de diminuir a frequência das situações de risco enfrentadas por estas pessoas):

A Amada Massa é uma iniciativa de reparação social que tem como intenção colaborar com a construção de autonomia por meio de um sistema de apoio e de geração de renda para pessoas em vulnerabilidade social. A nossa base financeira e de trabalho é um Clube de Pães na cidade de Porto Alegre - RS. Nossa construção parte da militância na luta pela garantia de direitos de pessoas em situação ou com trajetória de rua e vulnerabilidade social, somada à experimentação em processos de Redução de Danos, de Comunicação Não-Violenta e de Princípios de Justiça Restaurativa. (AMADA MASSA, 2023)

Já no Boca de Rua, o acolhimento vem pela visibilidade. O Boca de Rua é um jornal em que as reportagens são escritas pelas próprias pessoas em vulnerabilidade social (acompanhadas por jornalistas apoiadoras do projeto) e o jornal é vendido por elas nas ruas da cidade, criando assim um meio de serem ouvidas pela sociedade e gerando renda para sua sobrevivência.

Um jornal fala e por isso o nosso tem até o nome de Boca. Mas também escuta o povo da rua, escuta outros movimentos. As pessoas também nos escutam quando compram nosso jornal, a universidade nos escuta quando nos chama para falar do nosso trabalho. O outro lado da cidade nos vê porque nos escuta e nos lê. Ver, falar e escutar. É assim que a comunicação é feita. (BOCA DE RUA, 2023a)

Mas fora destes espaços o que temos é uma cidade que não acolhe, ao contrário, que exclui a todo tempo. Exemplo disso aparece na fala do professor de Geografia da escola EPA. Segundo o professor, é um desafio ter que lidar com a contradição de levar os estudantes a estudar um espaço territorial que os expõe diariamente:

A geografia é uma ciência bem complexa, no momento que precisa estar atenta às relações entre sociedade e natureza e as contradições do espaço. E os alunos da EPA são totalmente segregados, como um corpo estranho numa cidade que está sempre a expeli-los. (entrevista com o professor de Geografia, 2023)

A cidade é um espaço histórico e geográfico, com sua cultura e sua arquitetura, e esta arquitetura também pode ser repensada, para que deixe de ser mais um fator de exclusão, se tornando uma arquitetura acolhedora:

Escobar chamou a atenção para a arquitetura hostil dos grandes centros que colocam grades e diversas formas de objetos para impedir que a população de rua durma ou sente em prédios e praças.

(...)

Apontou que não é perguntado a esta população o que ela precisa, quais as suas reais demandas. É uma política “pobrefóbica”: discrimina, estigmatiza e segrega os mais pobres e impede a sua participação na tomada de decisões.

(...)

Questões como horário, álcool, o dia, a singularidade e a exclusão são tratados como motivos para a negação do acesso a diversos serviços das redes. (BOCA DE RUA, 2023b, p.8)

Dentro das cidades existem inúmeras estruturas que têm potencial de serem acolhedoras, se tiverem a devida motivação e orientação, se escutarem o que a população mais precisa. Os educadores e educadoras também podem repensar as suas práticas, na construção de um perfil mais acolhedor, sem medo ou preconceito:

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. (FREIRE, 1996, p.49)

Acolher é estar atento às necessidades e expressões do outro, estar disponível para se relacionar com o contrário, o que difere. E nessa relação vamos aprimorando a nossa identidade e visão de mundo. Descobrir quais são as necessidades e expressões da PSR, quais são os grandes problemas que ela enfrenta diariamente.

### 1.2.2 A PSR, a Fome e a Moradia

Um dos grandes problemas da PSR é a fome. Um dos desafios do combate à fome é a crença de que não há nada a fazer, uma visão de mundo fatalista descrita por Paulo Freire (1996) no livro **Pedagogia da Autonomia** que ainda persiste nos dias de hoje. Paulo Freire discorre sobre a temática da fome: como ela não deve ser naturalizada pela sociedade, como ela não é um problema social irreversível, indo contra tal visão:

O meu bom senso me diz, por exemplo, que é imoral afirmar que a fome e a miséria a que se acham expostos milhões de brasileiras e de brasileiros são uma fatalidade em face de que só há uma coisa a fazer: esperar pacientemente que a realidade mude. O meu bom senso diz que isso é imoral e exige de minha rigorosidade científica a afirmação de que é possível mudar com a disciplina da gulodice da minoria insaciável. (FREIRE, 1996, p.26)

Segundo o relatório *The State of Food Security and Nutrition in the World 2023* publicado pela ONU<sup>5</sup>, em 2023, 70,3 milhões de brasileiros estavam em insegurança alimentar, equivalente a 32,8% da população. E em insegurança alimentar grave estavam 21,1 milhões, sendo 9,9% da população (com base na população brasileira de 2021). A insegurança alimentar pode ser moderada ou grave, sendo moderada quando as pessoas enfrentam incertezas sobre sua capacidade de obter alimentos e são forçadas a reduzir a qualidade e/ou a quantidade de alimentos que consomem devido à falta de dinheiro ou outros recursos e grave

<sup>5</sup> Relatório The State of Food Security and Nutrition in the World 2023: <https://www.fao.org/documents/card/en/c/cc3017en>

quando, em algum momento, as pessoas ficam sem comida, passam fome e, no caso mais extremo, ficam sem comida por um dia ou mais. Tais definições mostram que a qualidade do alimento também faz parte do problema social que é a fome:

Muito se fala sobre a fome. Mas a fome não é só falta de alimentos. A fome é também comer alimentos que não alimentam.(...) Atualmente a principal fonte de alimento dos moradores de rua são as distribuições voluntárias que o município quer proibir. São vários grupos. Um deles é a Cozinha Solidária do Movimento dos Trabalhadores sem Teto.

(...)

Eu venho na cozinha sempre que tenho fome, e como tenho fome todos os dias, venho todos os dias. A comida é muito boa, nota 10. Eles estão sempre de parabéns. Se não é eles, a gente passa fome. (BOCA DE RUA, 2023c, p.8-9)

A Cozinha Solidária é um projeto que oferece refeições diárias para as pessoas que não tem o que comer, em vários estados do Brasil. Mas mais do que isso, acaba sendo uma rede de apoio para além da alimentação:

#### MAIS QUE COMIDA

As Cozinhas Solidárias também são locais de luta, resistência, apoio e cultura para a população periférica

Os espaços recebem mutirões de apoio jurídico coletivo e individual, cines-debate, rodas de conversa com gestantes, oficinas culturais, cursos, reforço escolar para crianças e alfabetização de jovens e adultos.

A fim de contribuir para a soberania alimentar na periferia, as cozinhas promovem o cultivo de hortas urbanas comunitárias nas proximidades para fornecerem alimentos para as próprias cozinhas e, sempre que possível, para doação às comunidades próximas. (COZINHA SOLIDÁRIA, 2023)

Em Porto Alegre encontramos o projeto Cozinha Solidária no bairro Azenha e vários dos alunos da escola EPA frequentam este espaço em busca de alimentação.

Além da fome, a moradia é outro desafio presente na vida das PSR. Muitas buscam o auxílio do Programa Aluguel Social, oferecido pelo Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB) em Porto Alegre, mas poucas conseguem, e temporariamente. Trata-se de uma “Bolsa-Auxílio, (...) destinada às famílias previamente cadastradas, que se encontram em áreas de risco, devidamente comprovadas; às residentes em áreas públicas, com processo de regularização fundiária; ou às que estiverem em áreas atingidas pela execução de obras de infraestrutura necessárias ao desenvolvimento municipal”. (Prefeitura de Porto Alegre, 2023).

Introduzida pelo Decreto nº 18.576, de 25 de fevereiro de 2014 em Porto Alegre (ou o decreto 53.892/2018 no Rio Grande do Sul), é um auxílio muito usado pela população em situação de rua, embora ela não seja citada diretamente no texto da publicação:

Art. 1º O aluguel social é um benefício assistencial visando à transferência de recursos para famílias de baixa renda, com o objetivo de custear a locação de imóveis por tempo determinado, através do Departamento Municipal de Habitação (Demhab).

Parágrafo Único - Para efeitos deste Decreto serão consideradas de baixa renda as famílias com renda mensal de 0 (zero) a 3 (três) salários mínimos.

(...)

Art. 3º Terão direito à concessão do benefício de aluguel social, até o reassentamento definitivo com recebimento de unidade habitacional, as famílias nas seguintes situações:

I - que estejam em áreas de risco, devidamente comprovado, através de laudos da Defesa Civil, Smam ou Equipe Técnica do Demhab, com previsão de reassentamento em empreendimentos habitacionais a serem executados no âmbito da política habitacional do Demhab;

II - residentes em áreas públicas, com processo de regularização fundiária; ou

III - que se encontram em áreas destinadas à execução de obras de infraestrutura necessárias ao desenvolvimento municipal. (PORTO ALEGRE, 2014)

Com o estudo desenvolvido observou-se que há uma série de políticas públicas e ações da comunidade que buscam minimizar as problemáticas e desafios para melhorar a qualidade de vida das PSR, me pergunto sobre o que há em termos educacionais, pois sou uma professora de matemática (não-binária) que gostaria de trabalhar com esta população.

### 1.2.3 A PSR e a Educação

Como mencionado anteriormente, o acesso à educação é um direito de todos os brasileiros, dentre os quais estão as pessoas em situação de rua. No entanto, o currículo e a organização do tempo e espaço da escola acabam por excluir as pessoas em situação de rua, deixando-as à margem da escola. Também na academia discussões sobre fome e desigualdade social precisam ser mais intensificadas. Como enfatiza Nilson Lira Lopes, segundo Mattos (2021):

A academia aborda o problema da fome e da miséria de forma muito suave e superficial. O tema da desigualdade social precisa de uma reflexão profunda de toda a sociedade, para tanto a academia deve ir para a rua!

Eu sou a pedagogia da fome, sou o conhecimento que não está nas universidades, e as abordagens feitas pelos alunos/acadêmicos são importantes, mas sozinhas, não são suficientes para encontrar uma solução para a fome, essa grave doença social que traz consigo diversas outras doenças físicas e sociais. (MATTOS, 2021, p.11-15)

O currículo organiza os conhecimentos em disciplinas como matemática e geografia. Mas o quanto as disciplinas dialogam com o que está fora da escola? Para Nunes (2015) há

uma diferença de objetivos entre o espaço da escola e o espaço da vida: “na aula de matemática, as crianças fazem contas para acertar, para ganhar boas notas, para agradar a professora, para passar de ano. Na vida cotidiana, fazem as mesmas contas para pagar, dar troco, convencer o freguês de que seu preço é razoável”. (NUNES, 2015, p.19).

Só que ambas as matemáticas ainda estão inseridas dentro do sistema, a matemática da rua descrita por Nunes (2015) ainda trabalha com operações matemáticas que chegam a um resultado financeiro, um produto que serve ao mesmo sistema em que está inserida a matemática ensinada dentro da escola.

Levando em consideração as especificidades da população em situação de rua, é necessário pensar em movimentos e currículos que acolham as PSR e promovam melhorias nas vidas dessas pessoas, que participem diariamente de suas vidas. São raras as escolas que acolhem pessoas em situação de rua, no município de Porto Alegre temos a Escola Porto Alegre (EPA) e o CMET Paulo Freire.

A EPA tem o acolhimento como um de seus princípios, citado um total de 23 vezes no Projeto Político Pedagógico (PPP), e desenvolveu um dispositivo pedagógico chamado Serviço de Acolhimento Integração e Acompanhamento (SAIA).

Dessa forma, o acolhimento inicial integrado acontece em parceria com outras instituições que compõem a rede de proteção. É o momento em que se investiga a história familiar e a história de vida dos estudantes, sendo de responsabilidade específica da EPA, através do SAIA, a função de investigar a história escolar e o processo cognitivo inicial desse estudante.

O acolhimento diferenciado constitui-se como um espaço de conversa e escuta individual aos estudantes que se encontram afastados da escola, em especial nos casos de retornos, recaídas e atrasos. Estes acolhimentos são feitos a qualquer momento do ano, e em caso de gerarem novas matrículas seguem os procedimentos normativos que regulam a modalidade de EJA. (EPA, 2013, p.35)

Conhecer a EPA, seu funcionamento e como acontece o ensino de matemática nessa escola é que apresento na sequência.

## 2. A ESCOLA EPA

Figura 2 - Escola EPA



Fonte:

<https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-areazero-2/2019/08/epa-a-escola-que-atende-pessoas-em-situacao-de-rua-comemora-24-anos-de-resistencia/>

Em 1994 é criada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA), voltada ao acolhimento de crianças e adolescentes em situação de rua. Dez professoras do Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA) se juntaram e usaram suas experiências para implementar uma proposta de educação que estivesse mais de acordo com as realidades das PSR. As professoras se organizavam em duplas e se locomoviam até grupos de crianças e adolescentes em situação de rua com a intenção de conhecê-las, mas criando vínculos no caminho.

O trabalho durante os anos de 94 e parte de 95 foi realizado na rua. Experienciar ser educador social de rua foi a forma de entrar na realidade de vida do público atendido

pela escola. Organizados em duplas, os educadores iam aos pontos de concentração ou atuação da meninada para fazer abordagem, estabelecer vínculos com os mesmos e aos poucos conhecer esse mundo. Essa experiência possibilitou o vivenciar o estar na rua: a apreensão com a aproximação da brigada, o estado de alerta permanente, o olhar das pessoas, tanto das que vivem nas ruas, que aos poucos nos reconheciam como parceiras, quanto o dos que transitavam, incrédulos, de pouco caso ou admirados. Vivemos a singularidade de experimentar a permanente solidão que acompanha nossos alunos em meio ao movimento intenso e constante do coração da cidade, de estar ao mesmo tempo com todos e não estar com ninguém. (MAZZAROTTO, 2003)

Tais abordagens tinham uma etapa investigativa, dado que se relacionavam com uma população que não tem moradia fixa. É constantemente expulsa da própria casa, por meio das “limpezas” realizadas pela Brigada Militar ou Guarda Municipal, junto com o DMLU, sendo que além do endereço também perdem seus pertences. E então as pessoas vão trocando de moradia, de endereço em endereço, gerando a necessidade de um contínuo mapeamento dos lugares em que circulam.

Os educadores que realizavam as abordagens de rua tinham a tarefa de investigar, entender, vincular e aproximar os sujeitos que ali circulavam ao direito que tinham garantido de ter acesso à educação. Dentro de uma dinâmica de efemeridade, inconstância e de territórios dinâmicos e complexos, esses profissionais foram mapeando como e onde se espacializavam esses jovens no bairro Centro de Porto Alegre. Praças, largos, viadutos e pontes foram sendo identificados, bem como os grupos que circulavam e interagiam nesses espaços. Uma brincadeira, um diálogo, um jogo eram pretextos para adentrar o universo hostil do cotidiano dos meninos e meninas que viviam nas ruas da cidade. (MARTINEZ, 2012, p.34)

A partir destes movimentos é que se publica o decreto 11257, de 12 de maio de 1995, que oficializa a escola como “Escola Municipal de 1º Grau Porto Alegre”, com seu prédio construído meses depois. A escola foi instituída numa época em que documentos importantes foram publicados ou estavam em vias de publicação: a Constituição (1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), Lei Orgânica da Assistência Social (1993) e a Lei de Diretrizes e Bases (1996). Em 2009 a escola muda de modalidade e passa a receber somente jovens e adultos, não consegui descobrir a causa para essa mudança, mas talvez se deva ao perfil da escola e sua trajetória de acolhida a PSR.

A escola EPA é orientada por 3 organizações internas: o Projeto Político Pedagógico (PPP), o Núcleo de Trabalho Educativo (NTE) e o Serviço de Acolhimento Integração e Acompanhamento (SAIA), todas voltadas ao acolhimento e à garantia de direitos. O PPP é o que orienta a dinâmica interna da escola, com suas principais características e os valores que devem ser seguidos.

Sendo assim a EPA, a partir da sua fundação, assume a responsabilidade de ser uma escola com uma estrutura e uma metodologia diferenciada, com o intuito de romper com o processo de exclusão que vem impedindo o acesso e a permanência de crianças e adolescentes na escola, ou seja, deve “acolher” aqueles que têm sido excluídos.

A própria definição da escola, no seu Regimento Escolar, denota a mudança de paradigma, ao apontar o acolhimento – e não o recolhimento – como sua primeira característica. (SANTOS, 2018, p.55-56)

O SAIA é o equivalente ao SOE (Serviço de Orientação Escolar) das outras escolas, só que muito mais focado no acolhimento dos estudantes.

Ações do SAIA:

Acolhimento, acompanhamento e investigação da realidade dos jovens através da construção de ações pedagógicas, que qualifiquem as intervenções com os novos estudantes, bem como acolher aqueles que se encontram momentaneamente afastados da escola.

Acolhimento Inicial é uma tarefa primordial na investigação da história de vida dos estudantes, nos três eixos (pessoal, familiar e institucional), pois é a partir desse acolhimento que se constitui um roteiro inicial para os Estudos de Caso sendo a base para a configuração dos Planos de Ações e dos projetos de vida.

Acolhimento Diferenciado constitui-se como espaço de conversa, escuta e acompanhamento aos estudantes que se encontram afastados da escola ou necessitando de atendimento individualizado, em especial nos casos de retornos (afastamentos prolongados), recaídas (drogadição), questões relacionadas aos comprometimentos da saúde e pendências com a justiça. Objetivamente visa reintegrar os estudantes ao cotidiano escolar, aproximando-os das propostas sistematicamente desenvolvidas e inserindo-os de forma mais organizada nas turmas e/ou atividades. (SMED, 2023a)

A EPA desenvolve vários projetos que têm por objetivos a formação humana e a preparação para o mundo do trabalho. A escola tem o Núcleo do Trabalho Educativo (NTE), implantado em 1999, como a perspectiva de constituir-se como um espaço de construção e exercício da cidadania, onde a experiência de trabalho seja vivenciada de forma autoral, crítica e solidária. Segundo o site da escola, é feito o levantamento da história de vida dos estudantes da EPA e de suas habilidades e interesses, e a partir desse movimento o NTE promove oficinas e projetos a exemplo do: Papel Artesanal, Jardinagem, Cerâmica e Informática.

Na sequência algumas fotografias extraídas do site da escola que evidenciam o desenvolvimento desses projetos.

Figura 3 - Oficina de Papel Artesanal



Fonte: [https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/pdf/album\\_nte.pdf](https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/pdf/album_nte.pdf)

Figura 4 - Oficina de Cerâmica



Fonte: [https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/pdf/album\\_nte.pdf](https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/pdf/album_nte.pdf)

As oficinas promovidas pelo NTE acontecem em espaços da Usina do Gasômetro em Porto Alegre.

O produto é fruto de um processo de trabalho e oferece a quem o adquira a oportunidade de ser parceiro na continuidade do desenvolvimento da auto-estima, da autoconfiança, da autodeterminação, da visão de futuro e da busca de plenitude humana, de forma a preparar nossos estudantes / produtores para agir com autonomia, solidariedade e responsabilidade, reconhecendo suas forças e seus limites. São estas parcerias, com ações emancipatórias, que contribuem para o enfrentamento dos importantes problemas sociais de nossos tempos, conjugando subsídios teóricos e práticos com tolerância, acolhimento, diálogo, afeto, trabalho coletivo, incremento da sociabilidade e valorização dos participantes como protagonistas, de forma que o jovem perceba o seu valor enquanto cidadão. (SMED, 2023b)

A EPA assemelha-se em termos de estrutura física com as demais escolas da rede municipal de ensino de Porto Alegre. A escola tem 5 salas de aula, uma biblioteca, um laboratório de informática, uma quadra para prática de esportes e outras salas auxiliares para a gestão escolar. Segundo Santos (2018) a escola tem a proposta de que todos os seus tempos e espaços sejam atrativos e prazerosos, que despertem o desejo dos adolescentes e adultos em acessá-la.

Para que isso se torne realidade foi elaborada uma metodologia específica.

A escola inicia seu trabalho atendendo em três níveis (Totalidades) equivalentes às quatro séries iniciais. Não havendo um início, nem fim do ano letivo; sendo possível o ingresso diário de estudante, sem definição de limite máximo de faltas, não havendo exames convencionais e nem reprovação. (SANTOS, 2018, p.45)

O currículo da escola adequa-se às orientações e compreensões que a Secretaria Municipal de Educação (SMED) tem sobre a Educação de Jovens e Adultos. A SMED incentiva que as escolas proponham o ensino por meio de projetos temáticos, projetos de pesquisa ou organização do planejamento por temas geradores. Além disso, segundo o documento orientador para a organização da modalidade EJA na rede municipal de ensino de Porto Alegre, SMED (2023c), a proposta pedagógica e curricular que a EJA da RME/POA se organiza em Totalidades de Conhecimento. As Totalidades são divididas em T1, T2, T3 (Totalidades Iniciais), T4, T5 e T6 (Totalidades finais). Lembrando que “na experiência TOTALIDADES DE CONHECIMENTO, os conteúdos se libertam da seriação, da fragmentação, da hierarquização, da descontextualização e das peculiaridades da escola tradicional, passando a ter uma conotação interdisciplinar”. (PORTO ALEGRE, 1997. p.23,24 apud SMED, 2023, p.2). Portanto, elas não devem representar etapas estanques ou uma sequência linear, de modo que não seja necessário partir de uma para chegar à outra.

A SMED tem produzido matrizes de referência com um currículo priorizado para os professores das Totalidades com a intenção de que as habilidades e competências previstas na BNCC sejam trabalhadas. Veremos adiante o currículo priorizado para a Matemática em vigência.

A escola atualmente atende 94 alunos, sendo 90% deles em situação de rua, e conta com uma equipe de professores e professoras, sendo 2 delas da área de matemática, e ambas foram entrevistadas.

Na sequência trazemos a fala de professores, professoras e estudantes que se disponibilizaram a participar da pesquisa.

### 3. O PERCURSO E OS RESULTADOS DA PESQUISA

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir da seguinte questão orientadora: *Como está sendo abordado o ensino de matemática com os estudantes em situação de rua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA)?*

Tendo como objetivo geral: Compreender o funcionamento da EPA e como é organizado o ensino de matemática para pessoas em situação de rua, defini os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar a proposta pedagógica de ensino de matemática da escola;
- b) Compreender que tipo de matemática é ensinada, na perspectiva dos professores;
- c) Identificar o que os estudantes entendem por matemática e sua relevância.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que busca descrever o funcionamento da escola e trazer alguns relatos de professores e professoras, e de estudantes da escola, para compreender o que entendem por matemática e o que acham importante ensinar e aprender.

Para as entrevistas, me orientei pelo conceito de entrevista e de estudo de caso da autora Ana Cláudia Bortolozzi Maia, descrito no livro *Questionário e Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Elaboração, aplicação e Análise de Conteúdo*.

Segundo a autora, estudo de caso se refere à “exploração intensiva de uma unidade de estudo (uma pessoa, família, grupo, comunidade)”. Em relação à Pesquisa Qualitativa, a autora divide em quatro tipos:

DOCUMENTAL: análise de documentos, informações/estado da arte, revisão sistemática da literatura, etc.;

CONCEITUAL: análise de um conceito, um autor, obra clássica, época, etc.;

PESQUISA DE CAMPO: estudo qualitativo-descritivo, exploratório ou quase-experimental, etc.;

PESQUISA DE LABORATÓRIO: controle e manipulação de variáveis.  
(MAIA, 2020, p.7)

Nesse sentido, a pesquisa que desenvolvi articula uma pesquisa de campo com a análise documental, uma vez que inicialmente foi realizado um estudo sobre a legislação e alguns princípios que orientam as ações e políticas públicas com as pessoas em situação de rua, como apresentado no capítulo 1 deste trabalho.

Para as entrevistas, foram elaborados os roteiros que constam nos Quadros 1 e 2.

### Quadro 1 – Roteiro de Entrevistas com estudantes

#### **Roteiro da entrevista com os estudantes**

Há quanto tempo estudas na EPA?

O que mais gostas na escola?

Te interessas por Matemática?

O que tu aprendes de Matemática te ajuda na vida? Podes dar algum exemplo?

Qual a matéria de Matemática achaste mais difícil até hoje?

### Quadro 2 - Roteiro de Entrevistas com professores e professoras

#### **Roteiro da entrevista com as professoras**

Há quanto tempo trabalhas na EPA?

O que consideras mais importante no ensino de Matemática para pessoas em situação de rua?

Qual é a maior dificuldade na hora de ensinar Matemática para pessoas em situação de rua?

Como a Matemática pode ajudar na vida das pessoas em situação de rua? Podes dar algum exemplo?

Qual o conteúdo de Matemática achaste mais difícil de ensinar até hoje?

As entrevistas aconteceram em salas da escola EPA, com uma duração média de 30 minutos. Os participantes assinaram o Termo de Autorização Para Utilização de Imagem e Som de Voz Para Fins de Pesquisa que se encontra em anexo. As entrevistas foram gravadas e transcritas. A partir das entrevistas produzi uma interpretação das falas dos participantes a partir dos objetivos definidos para a pesquisa.

## **3.1 O que dizem os estudantes sobre o ensino de Matemática na EPA**

### **Estudante 1:**

1. Há quanto tempo estudas na EPA?

“Mais ou menos 7 anos.”

2. O que mais gostas na escola?

“Eu gosto das aulas, que são boas, também do banho que é muito essencial para nós, do almoço e da hospitalidade deles aqui.”

3. Te interessas por Matemática?

“Sim, sim, gosto muito de matemática”

4. O que tu aprendes de Matemática te ajuda na vida?

“Com certeza, me ajuda sempre né? Porque eu vendo aquelas balinhas de goma, essas coisas assim, é bom pra fazer soma mais rápido.”

4.1. Tens algum exemplo?

“Ah sei lá, pegar troco né? Pegar troco, tudo é mais fácil né, quando o cara já tem uma noção né?”

5. Qual a matéria de Matemática achaste mais difícil até hoje?

“Acho que a fórmula de Bhaskara, essa achei a mais difícil.”

### **Estudante 2:**

1. Há quanto tempo estudas na EPA?

“Dez anos”

2. O que mais gostas na escola?

“Ah, de tudo, da supervisora, dos colegas, de todos aí.”

3. Te interessas por Matemática?

“Sim, eu gosto um pouco também, mas não muito. Só as mais difícil.”

4. O que tu aprendes de Matemática te ajuda na vida?

“Aprendo tudo, o professor se ele tá ensinando eu tou ali aprendendo.”

4.1. Mas o que tu usas na vida?

“Só as conta, as conta de vezes, multiplicação.”

5. Qual a matéria de Matemática achaste mais difícil até hoje?

“Só de raiz quadrada, e vírgula, vezes misturado junto, essa é mais complicada ainda.”

### **Estudante 3:**

1. Há quanto tempo estudas na EPA?

“Vai fazer agora pouco tempo que eu entrei retornei, já vai fazer acho que uns 2 anos.”

2. O que mais gostas na escola?

“Gosto de tudo da escola, papel que eu faço... eu faço papel, eu gosto de tudo daqui, aqui é bom, de estudar”

3. Te interessas por Matemática?

“Ah, matemática tem umas que é difícil, eu não consigo, não sou muito boa.”

4. O que tu aprendes de Matemática te ajuda na vida?

“Ah, às vezes a professora passa no quadro né, daí a gente tem que passar no caderno. Elas tão me ensinando a fazer continha, eu não sei fazer, aí eu tou aprendendo.”

4.1. Mas fora da escola tu usa matemática?

“Não.”

5. Qual a matéria de Matemática achaste mais difícil até hoje?

“Ah, eu não sei qual é a matemática mais difícil, eu já acho difícil todas.”

As falas dos estudantes revelam que eles gostam da escola, se sentem bem no ambiente, que lhes oferece diferentes situações de vivência e aprendizado. Na escola os estudantes têm acesso ao banho, à alimentação e aprendem não somente os conteúdos das disciplinas, mas desenvolvem outras habilidades, como a produção do papel, que foi mencionada pela estudante 3.

As falas sinalizam para uma relação afetiva e respeitosa entre os estudantes, professores e equipe diretiva, sentem-se acolhidos e permanecem na escola. Chama atenção que o estudante 2 frequenta a escola há 10 anos e o estudante 1 há 7 anos, o que denota um movimento longínquo de inclusão, reforçando a ideia de Capellini e Mendes (2006):

A inclusão social implica na conquista de espaço social mediante as interações que se estabelecem no interior dos grupos sociais, através de uma participação das pessoas como membros ativos e produtos da sociedade, o que significa participação na escola, no lazer e no trabalho. (CAPELLINI e MENDES, 2006, p.15)

Os estudantes parecem estar integrados à escola e sua dinâmica, participam das atividades, no entanto sem uma frequência regular. A frequência passa a ser um desafio quando não se tem o que comer, dado que não se aprende com fome nem se morre imediatamente pela falta de estudos. Relatos sobre a relação entre fome e evasão ou não frequência à escola já são conhecidos e analisados. Fialho; Amorim (2020) trazem a história de vida de João, um personagem que personifica a realidade e a história de vida de tantas outras PSR.

A história de vida de João, no entanto, permite não apenas lançar lume a problemas emergenciais como a fome, mas instiga a reflexão e discussão atinentes ao contexto de negligência do poder público que sequer tomou conhecimento do seu abandono

familiar; nada fez para impedir o seu trabalho infantil; não lhe assegurou a educação básica; ignorou a sua evasão escolar; não lhe assistiu no âmbito da saúde ante o envolvimento com drogas; e lhe relegou à extrema pobreza, fome e moradia de rua. Afinal, somente com quase 23 anos de idade, João conseguiu ter acesso à política pública de assistência social no que concerne ao provimento de alimentação, o que não consegue impedir, sequer, que João passe fome.

(...)

O relato de João permite perceber que o imediatismo da necessidade da obtenção de alimentos para se manter vivo o impossibilitava do desenvolvimento de objetivos de vida que fomentassem mudança em sua situação de rua, dificultando-lhe conceber importância para a educação e busca consciente pela melhoria de sua vida. Suprir a fome era seu objetivo diário principal – e até único –, sendo uma preocupação constante, imediata, impossibilitando-lhe alçar outros planos de superação da pobreza. (FIALHO e AMORIM, 2020, p.13-14)

No entanto, em Fialho; Amorim (2020) a fome é colocada como a única preocupação de alguém nesta situação, quando na verdade, com base na minha convivência com pessoas em situação de rua, eu reconheço/presencio que o comer é uma das menores dificuldades enfrentadas por elas. O abandono social, a sensação de estar sozinho no mundo lhes tira a vontade de viver, o que dirá estudar. A falta de acesso à saúde leva a pessoa a frequentar postos de saúde no lugar das salas de aula. A lacuna deixada pelos serviços precarizados da Assistência Social (ressalto que não por culpa das dedicadas trabalhadoras do Sistema Único de Assistência Social) que não garantem a redução de danos necessária. Por fim, a incerteza de onde se irá dormir no dia seguinte dado que a última residência foi levada pela chuva ou pela brigada militar. Uma série de obstáculos que impedem que a pessoa volte para a EPA no dia seguinte.

Voltando para as entrevistas, os estudantes fazem referência aos conteúdos do currículo usual das escolas: operações como soma, multiplicação, raiz quadrada, “Bhaskara”, operações com decimais. A referência a estes conteúdos me faz pensar sobre um currículo que em parte tenta dialogar com o contexto da rua: “Porque eu vendo aquelas balinha de goma, essas coisas assim, é bom pra fazer soma mais rápido”, mas que também valoriza os conhecimentos tradicionais da escola, a exemplo da resolução de uma equação do 2º grau, pela “fórmula de Bhaskara”.

Quando uma criança resolve um problema com números na rua, (...) estamos diante de um fenômeno que envolve matemática, devido ao conteúdo do problema, psicologia, porque a criança certamente raciocinou, e educação, porque queremos saber como ela aprendeu a resolver problemas desse jeito.

(...)

Na aula de matemática, as crianças fazem conta para acertar, para ganhar boas notas, para agradar a professora, para passar de ano. Na vida cotidiana, fazem as mesmas contas para pagar, dar troco, convencer o freguês de que seu preço é razoável. Estarão usando a mesma matemática? O desempenho nas diferentes situações será o mesmo? (NUNES, 2015, p.11 e 19)

De onde será que vem este interesse dos estudantes por conteúdos tão tradicionais como a fórmula de Bhaskara? Será que sentem uma necessidade de aprender aquilo que o sistema atual valoriza e reproduz por opiniões do senso comum? Sendo a fórmula apenas uma série de passos que podem ser digitados numa calculadora, esta pode ser considerada como matemática?

O comércio da compra e venda de produtos na rua, de certo modo motiva as PSR a quererem aprender a matemática das quatro operações. No entanto, com o advento do PIX, isso tem mudado!

Acontece que hoje em dia muitas pessoas usam o Pix, uma “forma prática, gratuita e rápida de fazer transferências bancárias” (FELIPE et al., 2023, p.15082). Para Felipe *et al.* 2023, a resistência ao uso do Pix se dá por:

Cinco barreiras que poderiam estimular a resistência no processo de adoção à inovação: barreira de uso (BU), barreira de valor (BV), barreira de risco (BR), barreira de imagem (BI) e barreira tradicional (BT). Segundo pesquisa realizada por Sobral (2020), a barreira de uso (BU) é atrelada ao impacto na forma de utilização considerando a facilidade e rapidez de uso. Por sua vez, a barreira de valor (BV), identifica que para algumas pessoas esses meios de pagamentos digitais não movimentam a economia, considerando que meios de pagamentos digitais não trazem economia, não são adequados para transações e não ajudam a gerenciar as finanças pessoais. Já a barreira de risco (BR) está ligada ao cuidado com as informações inseridas nos sistemas, erros nos pagamentos, preocupação com perda de conexão e medo que terceiros acessem a conta. A barreira tradicional (BT) se refere a preferência em ir ao banco fisicamente, mantendo o atendimento pessoal. Por fim, a barreira de imagem (BI) é engatada pela dificuldade e complexidade do manuseio dos pagamentos digitais. (FELIPE et al., 2023, p.15083)

Porém, no contexto da PSR, existem outras resistências como: 1) o tamanho da transação não permite contribuição de moedas nem venda de produtos muito baratos (geralmente trabalham com produtos desta natureza); 2) o descrédito das pessoas que cruzam e não acreditam que a PSR está acessando o Pix e 3) a criação do Pix depender do acesso ao banco físico, acesso este muitas vezes dificultado para a PSR por conta do racismo que sofrem desde a entrada dos bancos, quiçá abertura de uma conta bancária.

O Pix não devolve troco, mas isto não significa que a matemática usada em serviços como venda de balas (descrita na entrevista acima) vai se tornar obsoleta, pois na hora de vender em quantidade é necessário usar a multiplicação, por exemplo. E então segue a pergunta: onde mais então a PSR poderá usar a Matemática? Esta Matemática, mesmo fora da escola, ainda segue a lógica do sistema, é possível pensar em outras matemáticas?

Aqui, e no decorrer do texto, faço uma distinção em termos de linguagem: Matemática em maiúsculo é a Matemática ocidental, que se coloca como superior e não permite uma autocrítica, enquanto as matemáticas em minúsculas se referem a um saber mais significativo, mais criativo e imaginativo:

Neste caso, a Matemática identificada com letra maiúscula é aquela considerada como soberana, a Matemática Ocidental, legitimada como Matemática científica, a qual é estruturalmente demonstrável e axiomática. Em contrapartida, as matemáticas (com letra minúscula) não correspondem apenas àquela disciplinarmente institucionalizada (ainda que não desconsidere a importância dessa), mas também a uma gama de fazeres que buscam pelo sentido do que está sendo realizado, por saberes propensos ao novo, à criação, à invenção, à imaginação, à revelação. Portanto, a origem, os modos de fazer, a cultura e a política interferem nessas matemáticas. (ROSA e GIRALDO, 2023)

Observando as ruas, é possível perceber que os vendedores das sinaleiras seguem um padrão, uma lógica que organiza e relaciona o tempo e a distância entre os carros. Como será que fazem a gestão de tempo entre o abrir e fechar da sinaleira? Como será o formato geométrico deste percurso? Esse conhecimento da experiência poderia ser levado para a escola e constituir-se em uma discussão sobre geometria?

Na fala da estudante 3, o discurso sobre a não presença da matemática fora da escola chama atenção, pois temos estudantes que estabelecem conexões entre o que estudam na escola e o que utilizam no dia a dia fora da escola e outros que não identificam tais conexões. Nesse sentido fica a questão, como os professores percebem essas conexões? Se e como exploram estas questões em sala de aula? E os demais professores como percebem a matemática na relação com as outras áreas do conhecimento?

### **3.2 O que dizem os professores sobre o ensino na EPA**

Como na escola EPA atuam somente 2 professoras de matemática, pensei ser interessante também ouvir professores de outras disciplinas de modo a buscar, talvez, conexões, destes com a matemática e vice-versa, considerando que a estrutura curricular da EJA nas escolas municipais de Porto Alegre deve ser fundada em três concepções básicas: interdisciplinaridade, formação do senso crítico e o aluno como ser-presente (SMED, 2023c). Entende-se interdisciplinaridade como “abordagem conjunta e articulada de um conceito, objeto, por meio de diversos métodos, instrumentos e teorias, buscando romper com a divisão

do currículo tradicional.” (SMED, 2023c, p.2). Na sequência transcrevo as entrevistas realizadas.

**Professor 1- Geografia:**

1. Há quanto tempo trabalhas na EPA?

“Eu estou há dois anos na EPA né”

2. O que consideras mais importante no ensino de Geografia para pessoas em situação de rua?

“Mais importante no ensino da geografia... é uma pergunta difícil né, porque a geografia ela é uma... uma ciência bem complexa, isto não quer dizer que seja difícil, mas complexa, na medida em que a geografia tem que tar atenta pra relação entre a sociedade e a natureza e as contradições do espaço. E eu vejo que os alunos da EPA de alguma forma eles são totalmente segregados do espaço. Eu gosto de uma imagem que diz que é um corpo estranho, como se essa cidade na qual eles estão, eles vivem nessa cidade, ela quer sempre expeli-los né, quer tirá-los pra fora. Então... e considero que a geografia seja uma categoria, uma disciplina difícil de... de se trabalhar né, no sentido desta complexidade né, enfim. E a importância é compreender, compreender esta relação sociedade-natureza, essa... essas dicotomias né... é isto.

Esta questão da importância, da compreensão dessas dicotomias, das diferenças, da cidade enquanto espaço de luta né, espaço de... digamos de embate político né, que a cidade é isto né, ela tá sempre em embate né, ela tá sempre em luta. E a cidade hoje é feita para o capital e não para as pessoas, isto coloca que estes alunos sejam excluídos desta cidade né, apesar de viverem nela, eles são considerados indesejáveis, digamos assim.”

3. Qual é a maior dificuldade na hora de ensinar Geografia para pessoas em situação de rua?

“A EPA... não sei se há dificuldade ou se a primeira pergunta responde, porque... a primeira resposta que eu dei antes responde, porque... na verdade a dificuldade aqui é realmente a questão... porque o aluno não é um só né, o aluno é complexo, ele vem pra cá com estas questões. Aí tu imagina alguém que tá.. que dormiu a noite na rua vir pra cá estudar né, é bem desafiador pro professor né. Eu acordo na cama quente, tomo meu café, dirijo meu carro até aqui. Mas o aluno que chega aqui de manhã, muitas

vezes ele chega molhado, passou a noite abaixo da água, na chuva, todas estas situações... este é o maior desafio né... não sei se é dificuldade, é desafio.”

4. Como a Geografia pode ajudar na vida das pessoas em situação de rua?

“Boa pergunta, não sei. Não sei como a geografia pode ajudar. Porque até que ponto essa compreensão desse processo de exclusão ajuda né, colabora, contribui. Porque a utopia seria que este aluno, digamos, tomasse a ciência disso e a partir daí criasse a sua pedagogia da existência né. Aí eu me refiro ao Milton Santos né, existir para... para poder manter a vida, mas também resistir a esta vida e procurar a partir daí fazer uma mudança. Sem dúvida, e aí também eu volto ao Milton Santos... os pobres são os mais solidários né, entre os pobres é que há a maior solidariedade. Isso a gente percebe nos nossos alunos. Mas não sei até que ponto pode ajudar, acho que é uma pergunta que fica em aberto.”

5. Qual o conteúdo de Geografia achaste mais difícil de ensinar até hoje?

“Não tem conteúdo específico assim algo que seja aquele conteúdo. Eu volto a te dizer desses desafios né, não tem assim um conteúdo que é mais difícil. A gente enfrenta dificuldades aqui, são pessoas em situação de rua, são pessoas... muitos analfabetos, muitos com questões de saúde mental. Então é isso, esses desafios eles tão presentes né, na nossa prática.”

### **Professora 2 - Artes:**

1. Há quanto tempo trabalhas na EPA?

“Eu trabalho há 6 anos aqui na escola e 13 anos na rede municipal de Porto Alegre.”

2. O que consideras mais importante no ensino de Artes para pessoas em situação de rua?

“Ah, eu acho que criar um espaço onde o estudante consiga ser bem acolhido, aprender as técnicas básicas do que eu ensino, que no caso é cerâmica, e poder com isso trabalhar um processo de redescoberta assim do seu potencial criativo. E é uma forma dele poder também se organizar internamente e externamente, pra mim neste momento eu acho que é o mais importante no que eu procuro trabalhar, do meu conteúdo.”

3. Qual é a maior dificuldade na hora de ensinar Artes para pessoas em situação de rua?

“Dificuldade... eu acho que é a continuidade. Porque assim, é um processo meio lento né, e a vida dessas pessoas ela muda, é um fluxo muito intenso, então às vezes eles somem, e aí tu não consegue dar continuidade, e então esta eu acho que no momento é

a maior dificuldade que eu vejo. Tu sempre tem que pensar num planejamento de um dia só, porque tu nunca sabe como vai ser amanhã. É uma característica né.

4. Como a Arte pode ajudar na vida dessas pessoas?

“A arte ela é terapêutica, de uma certa forma né. E se tu realmente se envolve com ela, eu acho que ela pode... tu se redescobre mesmo o teu potencial, a tua autoestima, ela melhora bastante, tu vê que tu realmente tem condições de fazer um trabalho bacana e criativo né. E isso eu acho que melhora a vida das pessoas sim, deixa as pessoas mais leves, com mais perspectiva e de retomada de seu projeto, seu projeto de vida.”

5. Qual o conteúdo de Artes achaste mais difícil de ensinar até hoje?

“Olha, quando eu dei aula de sala de aula mesmo, que não era projeto assim, sempre que eu pensava algum projeto em que acabava não despertando a curiosidade do estudante, que ele meio que desprezava, daí é o momento que tu realmente se vê com muita dificuldade de passar o conteúdo.”

**Professora 3 - Matemática:**

1. Há quanto tempo trabalhas na EPA?

“Vai fazer um ano e meio, entrei em abril de 2022.”

2. O que consideras mais importante no ensino de Matemática para pessoas em situação de rua?

“Eu acho que é a questão de interpretar as situações que envolvam informações numéricas, e eles saberem analisar quando que eles estão tendo, por exemplo, vantagem de alguma coisa ou desvantagem. Conseguir aplicar este raciocínio lógico nas situações externas à sala de aula.”

3. Qual é a maior dificuldade na hora de ensinar Matemática para pessoas em situação de rua?

“Às vezes é a base deles, é a relação com a matemática básica, por exemplo a divisão e os fundamentos ali, a questão de algoritmos, de seguir passo a passo. Acho que tudo que envolve uma sequência de passos muito longo pra eles é um pouquinho mais difícil, são mais diretos, mais concisos. Aí tu tem... apresentam bastante dificuldade.”

4. Como a Matemática pode ajudar na vida das pessoas em situação de rua?

“Bah, eu acho que é justamente pensar de forma crítica, eles conseguir desenvolver o raciocínio pra entender as situações que eles estejam inseridos. No meu ponto de vista, eles não precisam saber efetivamente fazer a conta, por exemplo. Eles precisam saber

de que forma que eles fazem ela né. Porque calculadora a maioria deles têm, eles têm acesso ao celular, ou conseguem ter esse acesso. Então se ele souber como fazer, é mais importante do que realmente saber calcular no papel né. Acho que esse é o principal que pode auxiliar eles.”

5. Qual o conteúdo de Matemática achaste mais difícil de ensinar até hoje?

“Álgebra, haha, álgebra. Acho que a álgebra, com a abstração que ela traz, é a mais difícil de todas.”

6. Mais alguma coisa que tu queira adicionar?

“Eu só acho interessante, porque a gente às vezes fala que tem que relacionar a matemática com o dia a dia, tem que ser a matemática do cotidiano deles. E uma coisa que eu aprendi aqui é que a matemática da rua eles sabem, eles conseguem fazer. Eles sabem tudo que... todos os jeitinhos, todos os macetes eles sabem. Eles tão aqui pra buscar justamente conteúdo escolar, eles tão aqui pra buscar aquela forma escolar de resolver as coisas. Pra mim foi uma grande surpresa, a hora que eu consegui enxergar isso e ver esta necessidade deles, esse querer deles.”

#### **Professora 4 - Matemática:**

1. Há quanto tempo trabalhas na EPA?

“Cinco meses.”

2. O que consideras mais importante no ensino de Matemática para pessoas em situação de rua?

“Eles conhecerem a... saberem utilizar o dinheiro, porque a maioria deles trabalham em sinaleiras, trabalham em lugares que eles precisam né, até mesmo pra receber o troco, pra vender uma coisa. Então trabalhar neste sentido aí, do financeiro.”

3. Qual é a maior dificuldade na hora de ensinar Matemática para pessoas em situação de rua?

“Seria aquele conteúdo que eles abstraem, que eles têm conteúdos tipo uma álgebra, eles trabalhem com abstração, porque muitos deles têm... eles têm já uma dificuldade pela própria situação de rua, déficit de algumas coisas. Então pra eles essa abstração é bem mais complicada né.”

4. Como a Matemática pode ajudar na vida das pessoas em situação de rua?

“Matemática tá em tudo né, matemática é uma coisa que pra eles saberem a lógica das coisas eles trabalham matemática, pra comprar alguma coisa eles trabalham matemática, então pra mim a matemática é fundamental, essencial.”

5. Qual o conteúdo de Matemática achaste mais difícil de ensinar até hoje?

“Na EPA pra mim foi a parte de números inteiros, que eles têm bastante dificuldade, na T4 que eu tou com eles né, esse ano. Então seria números inteiros.”

### **Professora 5 - Inglês:**

1. Há quanto tempo trabalhas na EPA?

“Sete meses, desde março de 2023.”

2. O que consideras mais importante no ensino de Inglês para pessoas em situação de rua?

“Inglês, não muita coisa, prefiro... acho mais interessante espanhol, seria mais interessante espanhol pra eles. Não inglês, porque não tem como eles... eles não acompanham as aulas, eles não conseguem... o idioma não vai... não vai aparecer muito pros moradores de rua, na minha opinião assim, seria mais interessante espanhol.”

3. Qual é a maior dificuldade na hora de ensinar Inglês para pessoas em situação de rua?

“É a infrequência, que eles não mantêm uma frequência na escola, eles faltam demais, a falta de recursos que o governo repassa, não tem salas interativas, não tem telas pra ensinar o idioma, pra facilitar a vida deles, e o número de aulas por semana é muito pouco também. Eu acho que isso é o mais complicado.”

4. Como o Inglês pode ajudar na vida das pessoas em situação de rua?

“Eu acredito que é apenas mais uma ferramenta para eles conseguirem um emprego melhor, talvez. Também não vou afirmar nada. Porque pra eles conseguir ter um diálogo, com idioma, conversar com alguém aí fora, ou pedir alguma informação eles teriam que se aprofundar mais no idioma, participar mais das aulas, que é uma coisa que não acontecesse. E também só são duas aulas por semana, é pouquíssimo, pouquíssimo. Não tem como aprender inglês na escola pública e sair falando, nem o básico se consegue.”

5. Qual o conteúdo de Inglês achaste mais difícil de ensinar até hoje?

“Quando eu dei... o conteúdo mais difícil foi quando eu dei as estações do ano, os meses e os dias da semana em inglês pros alunos, porque eles se perderam, muitos...”

como eu falei, eles vem um dia depois ficam quatro, três meses sem vir, não tem acompanhamento, o conteúdo segue, as vezes eu voltava, eles confundiam, eles não sabiam que o quarto mês do ano é abril, em inglês, e tava tudo especificadinho no quadro, mas eles se atrapalham, eles colocavam... eles não sabiam quando começa o verão aqui, foi bem complicado, tanto que eu fiquei pouco tempo nesse conteúdo.”

As falas dos entrevistados enfatizam muito a questão da frequência dos estudantes, como a continuidade é importante para o aprendizado. Mas estão numa escola que atende pessoas com necessidades tão intensas que impossibilitam tal continuidade. A professora de Artes coloca uma maneira de lidar com esta dificuldade, fazendo planejamentos diários pensando em objetivos e estratégias que possibilitem o início e final de uma aula em um dia. Já a de Inglês traz que trabalha com uma linguagem que necessita de construção contínua, requer um movimento de ir e vir no que foi estudado, e sinaliza que o desconhecimento de contextos e repertório a exemplo do calendário das estações do ano, acaba por dificultar o aprendizado do vocabulário em inglês. A fala da professora de inglês mostra uma desconexão entre sua prática e a realidade da escola e de seus estudantes.

Vale notar que quatro das cinco pessoas entrevistadas estão há 2 anos ou menos trabalhando na escola, não foi possível identificar a causa dessa possível rotatividade de professores na escola. Já a professora de Artes está há 6 anos, o que deve dar a ela um maior domínio sobre como trabalhar com os estudantes. Também percebi este domínio na fala do professor de Geografia, apesar de ele estar há pouco tempo na escola. Mas independente de tempo de experiência, percebi que há um esforço coletivo das professoras e professores de incluir e acolher seus educandos, uma educação que reconheça a diversidade. Nesse sentido, assim como aponta Rosa (2022):

Esperamos que haja uma abertura para uma nova aula de matemática desenvolvida por um professor que reconheça o outro como a si mesmo e que incentive esse mesmo reconhecimento por parte de seus estudantes, de forma a experienciar a matemática como um modo de evidenciar isso, de se educar matematicamente e, principalmente, de se educar pela matemática (ROSA, 2008, 2018) frente às situações de racismo, por exemplo, e em prol do reconhecimento e respeito à diversidade.

(...)

Quando essa filosofia é bem explorada e compreendida por um professor de matemática, culmina com o esforço máximo para garantir que o ambiente da sala de aula acolha os/as/es estudantes enquanto promove o envolvimento com os problemas apresentados e aumenta a reputação de cada um/uma/ume em geral. (ROSA, 2022, p.40-41)

O professor 1 e as professoras 3 e 5 questionam o quanto é realmente importante os conteúdos ensinados na escola. Segundo a BNCC, a geografia precisa trabalhar a temática central do “sujeito e seu lugar no mundo”, focada na questão de “identidade e pertencimento”, “uma busca do lugar de cada indivíduo no mundo” (BRASIL, 2018, p.362). Mas ao mesmo tempo esse mundo não tem lugar para a pessoa em situação de rua, então o estudante estuda algo contraditório, como comentado na fala do professor 1.

A professora 5 questiona o quanto de inglês é realmente importante de ser ensinado, no sentido de prioridade, dado que o português (e por associação o espanhol) ainda não foram suficientemente aprendidos pelos estudantes. Ela associa o inglês a empregos formais que geralmente são negados à PSR, ou empregos no exterior que estão bastante distantes geograficamente. Mas a população em situação de rua peregrina bastante, gosta de contar suas experiências, muitas trabalham com vendas de jornais, pães e balas. Podem vir a encontrar algum turista que não fale português, e então a capacidade de falar outra língua passa a ser muito importante na comunicação. E então é importante investigar quais conteúdos e habilidades são utilizadas nestes diálogos e montar os planejamentos com base nisso. A professora 5 cita o exemplo das estações do ano e dos meses, conceitos que dificilmente aparecerão em tais situações, e talvez justamente por isso ela não considere o ensino de inglês tão importante.

A professora 3 traz um questionamento muito interessante, de se realmente a matemática ensinada precisa estar associada ao dia a dia das pessoas em situação de rua. A sua experiência na EPA mostra que não, que os estudantes chegam na sala buscando conhecimento mais formal, afastado da realidade. Que já dominam bastante a matemática usada fora da escola e quase nada a matemática escolar, e vão até ela em busca da tradicional. É uma constatação que causou estranhamento, pois parece ir na contramão do senso comum ou do trazido por NUNES (2015). Em relação aos estudantes, esta busca pode ser uma tentativa de corresponder às expectativas do que o senso comum entende como sucesso, como questionamos anteriormente. E, em relação às professoras, é bem mais fácil seguir ensinando do mesmo jeito que se ensinava em outras escolas, os mesmos conteúdos formais que eram ensinados antes de entrar na EPA, do que repensar as práticas, para que sejam adequadas para a população em situação de rua.

No entanto, parece haver modos de pensar distintos, pois a professora 4, também de matemática, considera mais importante ensinar uma matemática mais próxima das práticas cotidianas, “saberem utilizar o dinheiro, porque a maioria deles trabalham em sinaleiras,

trabalham em lugares que eles precisam” ou “receber o troco, pra vender uma coisa”. Esta diferença de entendimento sobre a matemática é algo que chama atenção e faz pensar sobre a pluralidade de sentidos, significados e usos que se tem sobre a matemática, o que ensinar e por quê.

As duas professoras de matemática concordam com a ideia de que a linguagem abstrata da matemática, representada pela álgebra, é a parte mais difícil na hora de ensinar matemática. Ambas citam a álgebra como exemplo, e enfatizam o quanto será que a álgebra é descolada dos contextos desta população?

Uma das professoras de matemática disponibilizou o currículo priorizado dos anos finais que é proposto pela SMED e 2 modelos de trabalhos avaliativos de seu arquivo pessoal de modo a me auxiliar a compreender como a matemática tem sido abordada na escola.

Figura 5 - Anos Finais Currículo priorizado Matemática - parte 1

	A	B
1	OBJETOS DE CONHECIMENTO	EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM (para habilidades prioritárias)
2	Ângulos retos e não retos	(EF04MA18) Reconhecer ângulos retos e não retos em figuras poligonais com o uso de dobraduras, esquadros ou softwares de geometria.
3	Números Racionais	(EF05MA03) Identificar e representar frações (menores e maiores que a unidade), associando-as ao resultado de uma divisão ou à ideia de parte de um todo, utilizando a reta numérica como recurso.
4		(EF05MA04) Identificar frações equivalentes.
5	Comparação e ordenação de números racionais na representação decimal e na fracionária utilizando a noção de equivalência	(EF05MA05) Comparar e ordenar números racionais positivos (representações fracionária e decimal), relacionando-os a pontos na reta numérica.
6	Sistema de numeração decimal	(EF06MA01) Comparar, ordenar, ler e escrever números naturais e números racionais cuja representação decimal é finita, fazendo uso da reta numérica.
7	Grandezas e Medidas	(EF07MA31) Estabelecer expressões de cálculo de área de triângulos e de quadriláteros.
8	Potenciação e radiciação	(EF06MA11) Resolver e elaborar problemas com números racionais positivos na representação decimal, envolvendo as quatro operações fundamentais e a potenciação, por meio de estratégias diversas, utilizando estimativas e arredondamentos para verificar a razoabilidade de respostas, com e sem uso de calculadora. (EF06MA12) Fazer estimativas de quantidades e aproximar números para múltiplos da potência de 10 mais próxima.
9	Problemas com números naturais	(EF06MA03) Resolver e elaborar problemas que envolvam cálculos (mentais ou escritos, exatos ou aproximados) com números naturais, por meio de estratégias variadas, com compreensão dos processos neles envolvidos com e sem uso de calculadora.
10	Números primos e compostos Múltiplos e divisores	(EF06MA05) Classificar números naturais em primos e compostos, estabelecer relações entre números, expressas pelos termos “é múltiplo de”, “é divisor de”, “é fator de”, e estabelecer, por meio de investigações, critérios de divisibilidade por 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 100 e 1000.
11	Linguagem algébrica: incógnita	(EF07MA15) Utilizar a simbologia algébrica para expressar regularidades encontradas em sequências numéricas. (EF07MA16) Reconhecer se duas expressões algébricas obtidas para descrever a regularidade de uma mesma sequência numérica são ou não equivalentes.
12	Números Inteiros	EF07MA04 Resolver e elaborar problemas que envolvam operações com números inteiros.
13	Pesquisa, sistematização dos dados, construção de tabelas e gráficos e interpretação das informações	(EF06MA33) Planejar e coletar dados de pesquisa referente a práticas sociais escolhidas pelos alunos e fazer uso de planilhas eletrônicas para registro, representação e interpretação das informações, em tabelas, vários tipos de gráficos e texto. (EF06MA34) Interpretar e desenvolver fluxogramas simples, identificando as relações entre os objetos representados (por exemplo, posição de cidades considerando as estradas que as unem, hierarquia dos funcionários de uma empresa etc.). (EF07MA3) Interpretar e analisar dados apresentados em gráfico de setores divulgados pela mídia e compreender quando é possível ou conveniente sua utilização.
14		

Fonte: Arquivo pessoal da Professora 4

Figura 6 - Anos Finais Currículo priorizado Matemática - parte 2

H	I	J
ANO/TOTALIDADE: T4	ANO/TOTALIDADE: T5	ANO/TOTALIDADE: T6
(EF04MA18) Reconhecer ângulos retos e não retos em figuras poligonais com o uso de dobraduras, esquadros ou softwares de geometria.		
	(EF05MA03) Identificar e representar frações (menores e maiores que a unidade), associando-as ao resultado de uma divisão ou à ideia de parte de um todo, utilizando a reta numérica como recurso.	
(EF05MA05) Comparar e ordenar números racionais positivos (representações fracionária e decimal), relacionando-os a pontos na reta numérica.		
	(EF06MA01) Comparar, ordenar, ler e escrever números naturais e números racionais cuja representação decimal é finita, fazendo uso da reta numérica.	
	(EF07MA31) Estabelecer expressões de cálculo de área de triângulos e de quadriláteros.	(EF07MA31) Estabelecer expressões de cálculo de área de triângulos e de quadriláteros.
		(EF06MA11) Resolver e elaborar problemas com números racionais positivos na representação decimal, envolvendo as quatro operações fundamentais e a potenciação, por meio de estratégias diversas, utilizando estimativas e arredondamentos para verificar a razoabilidade de respostas, com e sem uso de calculadora. (EF06MA12) Fazer estimativas de quantidades e aproximar números para múltiplos da potência de 10 mais próxima.
(EF06MA03) Resolver e elaborar problemas que envolvam cálculos (mentais ou escritos, exatos ou aproximados) com números naturais, por meio de estratégias variadas, com compreensão dos processos neles envolvidos com e sem uso de calculadora.		
		(EF07MA15) Utilizar a simbologia algébrica para expressar regularidades encontradas em seqüências numéricas.
	EF07MA04 Resolver e elaborar problemas que envolvam operações com números inteiros.	

Fonte: Arquivo pessoal da Professora 4

A matriz do “Currículo para os anos finais priorizado” elaborada pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre pauta-se na BNCC, seleciona as habilidades que considera essenciais e as distribui entre as Totalidades. As turmas das Totalidades de

Conhecimento 4, 5 e 6 são atendidas com um professor para cada componente curricular e a carga horária idêntica para cada disciplina, será enfatizada em horas-aula através do ensino indireto por meio de atividades não presenciais, respaldado pelo Art. 18º da Resolução 01/2021 do CNE e pelo Art. 15º da Resolução 23/2021 do CME. Cada uma das totalidades finais (4, 5 e 6) tem duração de 800h/aula anuais divididas em dois semestres letivos. (SMED, 2023c)

Com o intuito de conhecer mais sobre o que e como é ensinado matemática na EPA, solicitei a uma das professoras de matemática que, se possível, compartilhasse algum material pedagógico ou instrumento de avaliação. Ela prontamente disponibilizou dois modelos de lista de situações matemáticas (enunciados) que constituiriam um trabalho avaliativo (Figura 7) destinado às Totalidades 5 e 6, respectivamente.

### Figura 7 - Trabalho de Matemática T5

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

1) Complete a tabela abaixo com os resultados das operações:

	x 10	x 20	x 30	x 40	x 50	x100
2		40				
3	30		90			
5				200		
10			300			1.000

2) Comprei 4 peças de cerâmica que custam R\$ 8,50 cada uma. Quanto paguei pelas 4 peças?

---



---



---

c) Comprando uma unidade de cada produto, e pagando com uma nota de R\$ 20,00, quanto receberá de troco?

---



---



---

3) Veja, no quadro, as ofertas do dia de um supermercado:

- Leite integral: de R\$ 4,70 por R\$ 4,50
- Pão - pacote: de R\$ 2,50 por R\$ 2,25
- Abacate - unidade: de R\$ 9,90 por R\$ 9,00

a) Se você comprar uma unidade de cada produto, quanto economizará ao aproveitar as promoções?

---



---



---

b) Se você tem R\$ 10,00, quais produtos escolheria para comprar?

---

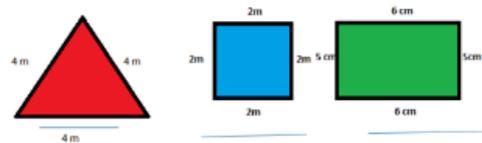


---



---

4) Indique o nome das figuras abaixo e calcule o perímetro (contorno) de cada uma delas:




---



---



---

5) Responda:

a) Quanto é  $\frac{1}{2}$  de R\$10,00?

---

b) Quanto é  $\frac{1}{3}$  de R\$ 60,00?

---

c) Ao dividir um real para quatro crianças, quanto cada uma vai receber?

---

### Figura 8 - Trabalho de Matemática T6

Nome: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

1) Indique o nome das figuras abaixo, calcule o perímetro (contorno) e a área (região) de cada uma delas:



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2) Numa classe de 60 alunos, 9 foram reprovados. Qual a taxa de porcentagem de alunos reprovados?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3) Comprei uma bicicleta por R\$ 700,00. Revendi com um lucro de 15%. Quando ganhei?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4) Um produto tem preço de R\$250 à vista. A prazo, em 5 parcelas mensais iguais, seu preço sofre acréscimo de 16%. Qual é o valor de cada parcela?

\_\_\_\_\_

5) Tenho um saldo de R\$ 600,00 na conta e fiz um saque de R\$ 150,00, outro de R\$ 295,00 e outro de R\$ 320,00. Qual o valor do saldo final?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6) Complete as lacunas:

a) Um triângulo retângulo é aquele que possui ângulo igual a \_\_\_\_\_ graus.

b) Triângulo equilátero é aquele que possui \_\_\_\_\_ lados iguais.

c) A área de um terreno retangular é a quantidade de área ocupada e é obtida a partir das medidas de \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

d) Em uma cidade do Alasca, o termômetro marcou  $-15^\circ$  pela manhã. Se a temperatura descer  $13^\circ$ , o termômetro vai marcar \_\_\_\_\_  $^\circ$ .

7) Resolva as operações:

a)  $250 - 587 =$

b)  $352 - 785 =$

c)  $2^2 + 3^0 =$

d)  $(-2)^3 + 4^2 =$

e)  $(-100)^2 =$

8) A altura de uma casa era de 4,78 metros. Foi construído um 2º andar e a altura da casa passou a ser de 7,4 metros. De quantos metros a altura inicial da casa foi aumentada?

Fonte: Arquivo pessoal professora 5

As situações matemáticas que compõem as avaliações sinalizam para algumas questões interessantes. Parece haver a intenção de trazer situações matemáticas diversificadas que exploram contextos que lembram situações da vida a exemplo da compra e venda de produtos em supermercados e operações financeiras, perímetro, frações e porcentagem ou

solicitam que seja resolvido algum cálculo. Não é possível saber o quanto cada estudante tem de familiaridade com as situações apresentadas nas questões: se frequentam mercado, se tem conta bancária ou se sabem se localizar no mapa mundi e imaginam onde fica o Alasca. Percebo que as questões, na sua maioria, são extraídas de livros didáticos não tão recentes, ou elaboradas pela professora a partir de um conjunto de conteúdos e procedimentos matemáticos que tenham sido desenvolvidos em aula. Também não é possível saber como os estudantes se saíram na realização da atividade, se evidenciaram ter aprendido ou não o que estaria sendo ensinado. No entanto, não percebi com a leitura das questões algum indício de que sejam elaboradas situações matemáticas que remetam a vida de uma PSR, pelo contrário, tal situação parece ser ignorada, não havendo um movimento de aproximação ou quase não tendo articulação com os projetos que acontecem na escola, com as questões relacionadas à saúde, moradia ou alimentação presentes na vida de uma PSR.

O exercício de escuta dos professores, mesmo que breve e inicial, e o cruzamento com os documentos orientadores e o material pedagógico compartilhado suscitaram mais perguntas do que respostas. Qual a formação que os professores que atuam com PSR desenvolvem ao ingressarem em uma escola com esse público? Que tipo de acompanhamento os professores recebem que lhes permita compreender a proposta da escola e a produzir materiais, aulas e instrumentos de avaliação coerentes com a proposta da escola? Como se sentem os professores que atuam com esse público?

Ficou latente pelas conversas que tive com os professores e professoras da escola que eles se preocupam com os estudantes e se envolvem com a escola, no entanto, me parece também que as ações são individualizadas, sendo que cada professor trabalha seu componente curricular, havendo pouco diálogo entre os professores. Me parece que nem todos os professores e professoras leram o documento principal da escola, o Plano Político Pedagógico, que cita, entre outras características, a interdisciplinaridade. Ela ainda precisa encontrar espaço no planejamento e nas práticas escolares. Mas também é importante destacar que não é simples lidar com a dinâmica de vida das PSR, principalmente com as ausências à escola.

Cada aula é única, assim como cada dia na vida de uma PSR, o amanhã é uma incógnita. Pensar uma escola para esse público é um desafio, e a escola EPA tem se dedicado a superá-lo. As ações de acolhimento têm surtido efeito, basta considerar a quantidade de alunos que a frequenta e alguns por vários anos. A escola tem contribuído, por meio de seus projetos, com a formação humana das PSR. No entanto, o currículo ainda precisa avançar, em

especial a matemática pode trazer contribuições importantes na formação dessas pessoas para além do domínio das quatro operações, estabelecendo diálogos com as Artes, Geografia, História e Ciências, de modo que possam ter mais possibilidades de leitura de mundo, como nos coloca Paulo Freire. Para ler o mundo é preciso estar envolto na prática de ler, “de interpretar o que lêem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade”. (FREIRE, 1981, p. 48). Assim, por meio de uma leitura crítica do mundo, acredito ser possível pensar em transformá-lo,

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica.

#### 4. Considerações finais

A EPA existe dentro de um espaço e de um tempo que negam a existência da população que ela atende. Espacialmente, temos uma cidade que nega até algo tão importante para a regulação interna quanto o sono: para ela é inconcebível que alguém esteja a dormir em praças, viadutos, outros espaços públicos. É permitido apenas se o espaço for privado, mas como privado também é obstruído economicamente. Como uma população pode existir fora do público e também fora do privado?

Temporalmente, a cidade oferece serviços assistencialistas em intervalos que coincidem um com o outro. Então as pessoas em situação de rua acabam tendo que optar por um e não por outro, ou por trocar um pelo outro num fluxo que atropela a necessidade de continuidade. A criação de vínculos são construções que levam tempo, mas impossibilitadas se o tempo constantemente acaba. Como uma população pode existir sem esse tempo necessário para criação e manutenção de vínculos?

A EPA, com seus corredores e salas de aula, existe na presente cidade, no presente momento. Ela é uma escola diferente das outras, dedicada ao acolhimento da População em Situação de Rua. Busco então responder à pergunta essencial: *como está sendo abordado o ensino de matemática com os estudantes em situação de rua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre?* Sendo a EPA uma escola diferente das outras, dedicada ao acolhimento da População em Situação de Rua, requer uma resposta também diferente, diferente dos sentidos comuns que circulam na sociedade.

Para responder esta pergunta, foram feitas entrevistas com professores, professoras e estudantes e análise dos principais documentos nacionais, assim como de documentos da escola e de planejamentos de matemática. Dentre as questões trazidas pelos estudantes, está a longa permanência neste ambiente que faz sentido e tanto os ensina, tanto os acolhe. Hoje são adultos, mas muitos já foram “meninos e meninas da rua”, numa “busca por meios para sobreviver na rua, como consequência de um sistema social que a marginaliza”. Crianças que “atuam, permanentemente, em atitude defensiva frente às pessoas, como resposta ao maltrato físico [e mental] de que é objeto por parte do meio que a rodeia”. (FREIRE, 1989, p.11)

Já as professoras e os professores entrevistados trazem uma preocupação com a infrequência, dado que as necessidades não atendidas no contexto da rua fazem com que os estudantes precisem se ausentar para lidar com adversidades, e com a dificuldade de

desenvolver a abstração, tão característica na Matemática em áreas como a Álgebra, por exemplo.

Nos documentos nacionais houve certa dificuldade de encontrar questões referentes a esta população, mais frequentemente citada indiretamente pela ideia de vulnerabilidade. Os documentos escolares não foram tão específicos a ponto de tratar da matemática em si, tratando da aprendizagem como um todo. E os planejamentos de matemática mostrados apresentam uma submissão a BNCC, o que parece não se articular com as orientações da SMED para a modalidade EJA, que necessita de um currículo diferenciado, construído a partir da realidade dos estudantes que valorize a interdisciplinaridade.

As análises desses documentos, planejamentos e entrevistas, quando unidas, formam uma descrição de como acontece o ensino de matemática com pessoas em situação de rua, mais especificamente na EPA. É um ensino indissociável da ideia de inclusão, dado que as pessoas que entram vêm de contextos de exclusão, então há de se “discutir a inclusão/exclusão de minorias, de “estranhos” na educação matemática e os efeitos que a matemática perfaz em relação às questões sociais e políticas”. (ROSA, 2022, p.37)

Concluo dizendo que esta pesquisa contribuiu muito para a minha experiência pessoal e profissional. Apesar de já ter acompanhado coletivos de pessoas em situação de rua, como a Amada Massa e o Jornal Boca de Rua, essas são experiências de educação informal, enquanto a Escola EPA é um polo de educação formal. Também contribui olhando para o futuro, dado que gostaria de trabalhar na EPA ou em alguma outra escola que atenda pessoas em situação de rua, também de realizar outras pesquisas que envolvem esta temática.

Um exercício que tenho feito é pensar como deveriam ser estruturados os planejamentos para pessoas em situação de rua. E o que eu faria se estivesse em uma sala da EPA. Tentaria organizar encontros entre professores e professoras, para tentar alinhar os projetos usados em cada sala, em busca de uma maior interdisciplinaridade. Prestaria atenção nas perguntas trazidas pelos estudantes, para ver como incluir nos meus planejamentos, a não ser que seja algo muito descolado das realidades que a PSR vive. É uma pergunta muito difícil, dada a diminuta quantidade de pesquisas sobre ensino de matemática para pessoas em situação de rua, mas importante de ser feita e pensada.

## 5. Referências Bibliográficas

- AMADA MASSA, Amada Massa, 2023. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.amadamassa.com.br/>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.
- BOCA DE RUA, Jornal Boca de Rua, 2023a. Página Inicial. Disponível em: <<https://jornalbocaderua.wordpress.com/sobre-nos/>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.
- BOCA DE RUA. 2023b. Povo da Rua debate “pobrefobia”. **Jornal Boca de Rua**, Porto Alegre, ano XXII, n. 85, agosto de 2023.
- BOCA DE RUA. 2023c. Não basta comer, tem que comer bem. **Jornal Boca de Rua**, Porto Alegre, ano XXII, n. 84, abril de 2023.
- BRASIL**. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 1988.
- BRASIL**. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm). Acesso em: 22 fev. 2024.
- BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.
- BRASIL**. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- Professor de Geografia. Entrevista I. [2023]. Entrevistadora: Luiz Felipe Sfoggia da Mata. Porto Alegre, 2023. 1 arquivo .mp3 (6 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Capítulo 3.2 deste trabalho.
- CAPELLINI, V. L. M.; MENDES, E. G.. *História da Educação Especial: em busca de um espaço na história da educação brasileira*. In: VII SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 2011, Campinas. *Anais...* Campinas: FAEPEX, 2006.
- NUNES , Terezinha ; SCHLIEMANN, Analúcia Dias. *Na vida dez, na escola zero*. Cortez, 2015.
- COZINHA SOLIDÁRIA, Cozinha Solidária, 2023. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.cozinhasolidaria.com/o-projeto/>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.
- EPA. *Projeto Político Pedagógico Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre*. Porto Alegre, 2013.
- FELIPE, Kamila Januário et al.. *Pix: aceitação e resistência - uma análise sob a perspectiva da Teoria da Resistência à inovação e da UTAUT2*. Revista de Gestão e Secretariado, [S. l.], v. 14, n. 9, p. 15080–15095, <https://doi.org/10.7769/gesec.v14i9.2778>, 2023.

- FIALHO, Lia Machado Fiuza, AMORIM, Josabete Bezerra Cacau. *Abandono escolar, pobreza e fome: biografia de um jovem negligenciado*. Universidade Estadual do Ceará, <https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.31794>, 2020.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1981.
- FREIRE, Paulo. *Educadores de rua: uma abordagem crítica - alternativas de atendimento aos meninos de rua*. UNICEF, 1989.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRAMAJO, C. S., Maciazeki-Gomes, R. C., Silva, P. S., & Paiva, A. M. N.. *(Sobre)viver na Rua: Narrativas das Pessoas em Situação de Rua sobre a Rede de Apoio*. Psicologia: Ciência e Profissão, 43, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243764>, 2023.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. *Questionário e Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Elaboração, aplicação e Análise de Conteúdo*. Pedro & João Editores, 2020.
- MARTINEZ, César Augusto Ferrari. *O Currículo vai à rua ou a rua vem ao currículo?*. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- MATTOS, Ana Carolina Einsfeld. *Mas, se a Gente é o que Come, Quem Não Come Nada Some! É por isso que Ninguém Enxerga essa Gente que Passa Fome*. Appris, 2021.
- MAZZAROTTO, Rosilene. *Rede Temática: O Desafio da Realidade*. In: BALESTRERI, Ricardo (Org.). Na inquietude da Paz. Edições CAPEC, 2003.
- ONU. FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2023*. Urbanization, agrifood systems transformation and healthy diets across the rural–urban continuum. Rome, FAO. <https://doi.org/10.4060/cc3017en>, 2023
- PASSA E REPASSA. Passa e Repassa, 2023. CENSO JÁ! Disponível em: <[https://www.passarepassa.org/\\_files/ugd/43ec0d\\_1455814a665145d8a23270c0c07f2e28.pdf](https://www.passarepassa.org/_files/ugd/43ec0d_1455814a665145d8a23270c0c07f2e28.pdf)>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.
- PORTO ALEGRE. Decreto nº 18.576, de 25 de fevereiro de 2014. Institui o Fundo Municipal de Habitação de Interesse Social (FMHIS). Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/decreto/2014/1858/18576/decreto>. Acesso em: 22 fev. 2024.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação (Seduc). Referencial Curricular Gaúcho: Matemática. Porto Alegre: Seduc, 2018

ROSA, Maurício, *Cyberformação com Professorias de Matemática: discutindo a responsabilidade social sobre o racismo com o Cinema*. Boletim GEPEN, 2022.

Rosa, M., & Giraldo, V. A. (2023). Transposing problems: towards a decolonial based and (re)inventive Mathematics Education “doesn’t go blank”. *Revista Internacional De Pesquisa Em Educação Matemática*, 13(2), 1-25. <https://doi.org/10.37001/ripem.v13i2.3396>

SANTOS, Renato Farias Dos. *O acolhimento da população em situação de rua: a experiência do núcleo de trabalho educativo da EPA*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

SCOTT, Juliano Beck et al. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte , v. 24, n. 2, p. 600-615, ago. 2018.

SMED, EMEF Porto Alegre, 2023a. Serviço de Acolhimento Integração e Acompanhamento. Disponível em: <<https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/saia.html>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

SMED, EMEF Porto Alegre, 2023b. Núcleo de Trabalho Educativo. Disponível em: <<https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/nte.html>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

SMED, Porto Alegre, 2023c. ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A ORGANIZAÇÃO DA EJA NA RME/POA (simpa.org.br). Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

WIMBELEMDON, WimBelemDon, 2023. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.wimbelemdon.com.br/>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2024.

## 6. Anexos

### 6.1 Termo de uso de Imagem e Som

#### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “Ensino de Matemática: um Olhar das Pessoas em Situação de Rua”, sob responsabilidade de Luiz Felipe Sfoggia da mata vinculado(a) ao Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para transcrição da entrevista e análise por parte da equipe de pesquisa. Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Porto Alegre, XX de ZZZZ de CCCC.

---

Assinatura do (a) participante

---

Nome e Assinatura do(a) pesquisador(a)

## 6.2 Termo de Consentimento Informado

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A Escola, \_\_\_\_\_, declara, por meio deste termo, que concorda em participar da pesquisa intitulada **Ensino de matemáticas com Pessoas em Situação de Rua**, desenvolvida pelo(a) pesquisador(a) \_\_\_\_\_, regularmente matriculado no curso de licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa integrará o trabalho de conclusão de curso do estudante e está sendo orientada pela professora Dra. Andréia Dalcin, Faculdade de Educação da UFRGS, a quem poderá contatar a qualquer momento que julgar necessário, por meio do telefone \_\_\_\_\_ ou e-mail \_\_\_\_\_.

A Escola tem ciência de que a participação não envolve nenhuma forma de incentivo financeiro, sendo a única finalidade desta participação a contribuição para o sucesso da pesquisa. A Escola foi informada que o objetivo estritamente acadêmico do estudo, que, em linhas gerais, é compreender o funcionamento da EPA e como é organizado o ensino de matemática para pessoas em situação de rua.

A Escola autoriza que seja divulgado seu nome no trabalho final e em artigos acadêmicos posteriores de divulgação da pesquisa, considerando que trata-se de uma instituição diferenciada cujo trabalho merece ser reconhecido e valorizado.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Direção da Escola:

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a):

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador da pesquisa: